

SECRETARIA MUNICIPAL DE
EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE CULTURA

SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO

Sua origem, sua história e sua gente

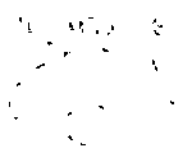


1722 - 2002
GOIÁS



Brasília - DF, 2003

1978 - 1980



CONFIDENTIAL
USA - 5010

CONFIDENTIAL - SECURITY INFORMATION

CONFIDENTIAL - SECURITY INFORMATION
ALL INFORMATION CONTAINED HEREIN IS UNCLASSIFIED
DATE 10/15/80 BY 1043/UC/STW

Este livro pertence ao Departamento Pedagógico.

SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO

Sua origem, sua história
e sua gente

1722 a 2002

**Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Departamento de Cultura**

SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO

Sua origem, sua história e sua gente

1722 a 2002



Editora Ser

Brasília, 2003

Ficha catalográfica

Secretaria Municipal de Educação e Cultura/Departamento de Cultura
S446s

Santo Antônio do Descoberto: sua origem, sua história e sua gente 1722-
2002/ Secretaria Municipal de Educação e Cultura/Departamento de Cultura/
Brasília: Editora Ser, 2003.

História dos municípios do Brasil

ISBN:

CDU: 981

Capa: Mário Alves. Tel.: (61) 234-0597/ 9994-0588

Diagramação: Moacir Júnior

Editora Ser
Caixa Postal 50
70359-970 Brasília, DF
Telefone: (61) 242-6408
E-mail: editoraser@aol.com

Dedicatória

É com muita alegria e satisfação que ofereço o conteúdo deste livro ao povo generoso de Santo Antônio do Descoberto e aconselho a todos os santo-antonienses a conhecerem estas páginas de valor histórico e cultura inestimável.

A iniciativa do Departamento de Cultura não poderia deixar de merecer o apoio do Poder Público Municipal de Santo Antônio do Descoberto para ereção deste importante marco no ano em que nosso amado município comemora seu 22º aniversário de emancipação.

Não me canso de agradecer a Deus pela oportunidade que o destino me reservou, de achar-me investido no comando administrativo deste município.

Como o quinto prefeito na seqüência administrativa desta cidade, me sinto honrado em poder resgatar a história e os tesouros enterrados há mais de dois séculos, como também de poder contribuir na construção e modelagem iniciada com muito afincio pelos meus antecessores.

Que as futuras gerações dêem continuidade a essa história, para que o povo santo-antoniense possa caminhar sobre os trilhos de um novo capítulo.

Moacir Machado
Prefeito Municipal

Sumário

Preâmbulo.....	06
Introdução.....	07
Origens históricas.....	09
Primeiras povoações.....	10
Bartolomeu Bueno Filho.....	11
Igrejinha de Santo Antônio: um marco histórico.....	13
Da decadência do ouro à criação do povoado.....	19
Agostinho Lopes Conde.....	20
História, origem e a gente de S. Antônio do Descoberto.....	23
Festejos de Santo Antônio.....	32
Arraial de Santo Antônio.....	49
Gestões Administrativas e principais benfeitorias.....	62
Famílias tradicionais.....	71
João Turco o primeiro comerciante.....	80
Abdon Elias.....	82
Antônio Teixeira.....	85
Cidade Eclética.....	86
Primeiras igrejas evangélicas.....	91
Fatos notáveis.....	92
Principais eventos esportivos.....	104
Bibliografia.....	111
Anexos.....	112

Preâmbulo

Este trabalho só foi possível graças ao esforço e à dedicação do nobre colega Carlos Carvalho da Mata, idealizador e responsável por noventa por cento das informações contidas neste livro.

Tivemos também uma grande ajuda do jornalista Valter Melo, que foi o redator destas singelas páginas.

Coube a mim, pesquisar e analisar a veracidade histórica dos elementos colhidos.

Muitas coisas importantes ficaram de fora por falta de informações precisas das pessoas que não quiseram contribuir com a história do nosso município.

Aqueles que não concordarem com esta história estão convidados a apresentar documentos comprobatórios, pois estamos convictos, até que provem o contrário.

O objetivo do Departamento de Cultura não é satisfazer interesses políticos ou religiosos, e sim, mostrar a verdadeira face da história do município de Santo Antônio do Descoberto.

Nós do Departamento de Cultura não medimos esforços para resgatar tal história, enterrada há mais de duzentos anos.

Seguimos uma trilha lógica deixada por heróis que, com toda bravura, cravaram um marco neste pedaço de chão goiano.

Depois de percorrermos tais trilhas, ainda que pairando ao longo do tempo, descobrimos que não é possível um povoado sobreviver tanto tempo se não houver uma profunda marca histórica.

Em nome do Departamento de Cultura quero agradecer a todos que contribuíram, principalmente as famílias tradicionais de Santo Antônio do Descoberto.

Desejo que o conteúdo deste livro possa enriquecer os conhecimentos daqueles que se interessarem pela nossa história.

João de Deus Meira

Chefe do Departamento de Cultura

Autor do livro *Pensamentos que o amor inspira*.

Introdução

Este livro *Santo Antônio do Descoberto, sua origem, sua história e sua gente* é o resultado de anos de pesquisa sobre a história de nossos antepassados, de suas tradições, lendas e costumes. Sabedores das aspirações de nosso povo, principalmente dos estudantes, fomos buscar no fundo a nossa história, a nossa identidade.

Um povo sabedor de seu passado e de suas origens saberá traçar melhor o seu futuro. Então, uma equipe de servidores e de colaboradores do Departamento Municipal de Cultura recebeu o devido sinal verde da Administração Municipal, para investigar o passado e buscar a nossa identidade cultural.

Pesquisamos livros da História de Goiás, enciclopédias, jornais, mapas, reabilitamos lendas esquecidas, fomos a Goiânia, entrevistamos pessoas, conseguimos fotos históricas antigas e recentes.

O resultado de tudo isso é que redescobrimos que Santo Antônio do Descoberto tem uma história rica e curiosa vamos dizer assim, que remonta ao Brasil Colonial e ao Ciclo do Ouro. É verdade que na raiz de nossa existência cultural está a religiosidade de um povo sofrido e esperançoso, que busca o progresso e a prosperidade.

Foi assim com a chegada do bandeirante Bartolomeu Bueno da Silva Filho, que esteve aqui em nossas terras e navegou pelo Rio Descoberto.

Inicialmente, o rio se chamava Despenhado, proveniente do conhecido despenhadeiro ainda hoje existente no município. O topônimo Descoberto provém do descobrimento das minas de ouro na região.

A nossa vinculação a Luziânia está explicada com a vinda do major José Pereira Lisboa, em 1758, quando a mineração iniciada pelo bandeirante já rumava para o declínio.

Esta é a fase mais antiga e curiosa da nossa história, devido ao aventureirismo de “nossos primos distantes”.

Uma segunda fase, não menos surpreendente, é a da formação das fazendas que até hoje existem, como as fazendas Boa Vista, Antinha de Baixo, Antinha de Cima, Alagados, Coqueiros e outras. Assim como o aprofundamento da religiosidade, com a ascensão da festa de Santo Antônio; a doação das terras ao santo por Agostinho Lopes Conde, e ainda quando aqui montou residência o alferes Luiz Rodrigues Vidal, próspero fazendeiro de Guariroba. E depois, com a fixação de residências de caixeiros-viajantes, como as famílias de João Turco e seu irmão Abdon Elias.

Na terceira e penúltima fase da nossa história, podemos citar a mudança da capital federal para o Planalto Central, que despertou a atenção sobre as terras do Entorno. Cá foram se fixando novos moradores, procedentes da invasão de Samambaia, que despertaram o sentido de autonomia política, administrativa e econômica, até formar um patrimônio, que deu origem à cidade que temos hoje.

Em paralelo, citamos o Mestre.: Yokaanam.: que, à frente de uma peregrinação vinda do Rio de Janeiro, aqui construiu a Cidade Eclética.

A quarta e última fase da nossa história podemos dividi-la em dois períodos: 1º o da emancipação, em 1982, a partir da qual a dependência de Luziânia se manteve forte e sufocante, no campo político, judiciário e religioso. 2º até que, em 1998, foi instalada de forma tardia a comarca de Santo Antônio do Descoberto, o que, de fato, cortou de vez o cordão umbilical que nos mantinha unidos ao município-mãe de Luziânia.

Não temos a pretensão de este livro se converter em palavra final de nossa história antiga e recente. Em um mundo diversificado e democrático, cada cidadão tem o seu ponto de vista e uma maneira particular de ver a história e a si próprio.

Então, somos humildes o suficiente para admitir que este livro não é uma obra pronta e acabada. Está sujeito a aperfeiçoamentos, acréscimos, revisões, tudo o mais para enriquecer a nossa história.

Porém, de uma coisa nós já temos a certeza: agora, Santo Antônio do Descoberto tem a sua identidade, o seu DNA. É isso que faltava.

ORGANIZADORES

Carlos Carvalho da Mata

historiador e museólogo

Valter Melo

*Jornalista, redator e editor-geral
do jornal "O Descoberto"*

João de Deus Meira

pesquisador

Origens históricas

As origens históricas de Goiás estão intimamente ligadas à corrida do ouro, empreendida pelos bandeirantes paulistas. Entre 1672 e 1684, uma expedição chefiada por Bartolomeu Bueno da Silva atravessa um imenso território, à época conhecido como Sertão dos *Goyazes* ou do gentio *Goyá*, à procura do ouro supostamente abundante nos córregos da calha do Rio Vermelho. Do contato com os goyazes, Bartolomeu Bueno recebe a alcunha de Anhangüera, que na língua dos nativos significa Diabo Velho. Bartolomeu Bueno era ignorante, mas valente, astuto, de caráter perseverante. Uma prova de sua rara presença de espírito demonstrou ele ante o perigo iminente, quando salvou das mãos dos índios, com a ameaça de que se não satisfizessem as suas exigências incendiaria todos os rios. Depois da ameaça, pôs fogo numa tigela de aguardente a que os pobres índios ignorantes ficaram tão aterrorizados que consentiram em tudo (Fonte: Johann Emanuel Pohl).

Em 1722, o filho de Bartolomeu Bueno da Silva, o famoso Anhangüera II, seguindo os passos do pai retorna ao sertão dos Goyazes em busca daquela fonte aurífera. Ainda em 1722, o governador de São Paulo, dom Rodrigues César de Meneses, participa a dom João V o contato feito por Bartolomeu Filho para descobrir o sertão goiano.

Em 1725, Bartolomeu Bueno da Silva Filho retorna a São Paulo, vindo de uma expedição ao solo goiano, levando para o governador Rodrigues César de Meneses ouro suficiente para demonstrar riquezas do subsolo goiano. Nesta primeira viagem, morreram mais de 40 pessoas, vítimas de febre amarela, malária e outras doenças típicas dos sertões.

Em São Paulo, Bartolomeu é favorecido pelo título de capitão-mor e por muitos privilégios pessoais. No ano de 1726, comanda uma nova bandeira para o interior dos Goyazes, fundando vários arraiais, entre os quais o de Santana (1727), que viria ser a capital da província de Goyaz, depois do estado de Goiás, até 1936. Hoje, a cidade de Goiás Velho é considerada Patrimônio da Humanidade. A bandeira partiu de São Paulo em 3 de julho de 1722, composta por 152 pessoas, entre elas, escravos, o guia bandeirante Urbano do Couto Meneses, o capitão-mor João Leite da Silva Ortiz e vários capitães-do-mato.

Primeiras povoações de Goiás

Com a descoberta do ouro, outras bandeiras foram organizadas, povoando o sertão goiano. Primeira povoação: Barra, segundo uns. Ferreiros segundo outros. Fundador: Bartolomeu Bueno da Silva.

Em 1727, em 26 de julho – nesta data foi inaugurada a capela do arraial de Santana (Goiás Velho, de hoje), fundado por Bartolomeu Bueno da Silva.

Em 1729 – Fundada Antas, por Calhamaro; e Santa Cruz, fundada por Manoel Dias Cruz.

Em 1732 – Foi fundada Águas Quentes, por Manoel Rodrigues Tomás.

Em 1734 – Crixás, pelo mesmo Manoel Rodrigues Tomás. Na mesma data, foi fundada Natividade, por Antônio Tomás de Araújo.

Traíras e São José do Tocantins por Manoel Rodrigues Tomás, em 1735.

Em 1736, São Félix, por Carlos Marinho. Em 1738, Pontal, por Antônio Sanches.

Em 1740, Cavalcante, arraiais Conceição e Chapada.

Em 1741, Pilar foi fundada por João Godoi Pinto Silveira.

Em 1744, Bonfim e Corumbá, por Diogo Pires Moreira.

Em 1746, Santa Luzia, por Antônio Bueno de Azevedo, e Carmo por Manoel de Souza Ferreira.

Em 1769, Chapecó.

Em 1809, Anicuns.

Os núcleos de mineração

A mineração impele o homem num arranco brusco do litoral para o coração do continente. Não há contigüidade na expansão. Os núcleos mineradores vão surgir muito longe dos pontos de partida das correntes migratórias, e do espaço intermediário permanecerá um, que só raras vias de comunicação atravessam. Fonte: *Formação dos Núcleos de Mineração*, de Caio Prado Jr.

Bartolomeu Bueno Filho

Ao contar a história de Santo Antônio do Descoberto ninguém poderá ignorar o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera Filho, que teria recolhido ouro por aqui durante a sua primeira viagem aos sertões dos índios goyazes.

O Anhangüera pai esteve nos sertões de Goiás por volta de 1673. Buscava ouro e pedras preciosas e capturava índios para serem escravos. A Igreja Católica ainda não havia proibido a escravização de índios. Trouxe consigo o seu filho de 12 anos de idade, do mesmo nome.

A expedição do Anhangüera pai voltou a São Paulo, levando muito ouro e pedras preciosas. A façanha causou uma verdadeira corrida de aventureiros aos cerrados de Goiás.

Mais tarde, o capitão-geral de São Paulo, dom Rodrigo César de Meneses, que desempenhava o papel típico de um governador de hoje, mandou chamar Bartolomeu Bueno Filho e estabeleceu com ele o ajuste de uma bandeira para a localização e exploração das minas descobertas pelo seu pai.

Em pouco tempo, Bueno arregimentou uma poderosa bandeira, que partiu de São Paulo em 3 de julho de 1722. Atravessando Minas Gerais, a bandeira subiu o Rio Paranaíba, na divisa com Goiás, e assim foi seguindo até atingir o Rio São Marcos, chegando aos sertões dos índios goyazes (origem do nome Goiás).

A expedição desceu pelo Rio São Marcos, que se funde com o Rio São Bartolomeu ao atravessar o território do Distrito Federal, e atingiu a localidade de Mestre d'Armas. Daí, a bandeira pegou o Rio Maranhão, rumo ao Norte.

A esta altura, a expedição de Anhangüera filho se dividiu em duas. A primeira continuou o trajeto, rumo ao Maranhão. Anhangüera Filho dá meia volta em direção ao sudoeste, mantendo-se fiel ao itinerário original dos sertões e cerrados dos índios goyazes, até as minas descobertas pelo seu pai.

Não há uma indicação histórica exata por onde Anhangüera passou depois do retorno. Contudo, as missões bandeirantes se orientavam pelo curso dos rios; e assim só havia um caminho lógico: pegar o Rio Verde.

Se fôssemos trilhar pelo caminho do Anhangüera Filho, hoje, pegaríamos exatamente o Rio Verde, chegaríamos à atual barragem do Rio Descoberto, na divisa do Distrito Federal com o município de Águas Lindas. A partir da barragem, o Rio Verde passa a chamar-se Rio Descoberto.

Descendo pelo Descoberto, Bartolomeu Filho e sua bandeira teriam sido atraídos pelos morros do lado direito do rio, os quais ele chamou de Montes Claros, graças ao reflexo do sol da manhã. É que o relevo de planície havia sido quebrado por um vale no cerradão – estes mesmos morros que, ao norte e ao sul, cercam a cidade de Santo Antônio do Descoberto.

Em 21 de outubro de 1723, após mais de três anos, através dos chapadões, serras e matas, e quando o governo paulista já cogitava mandar uma expedição em seu socorro, Bueno regressou a São Paulo, indo exibir ao “governador” Rodrigo amostras de ouro das várias minas descobertas.

A notícia se espalhou. Muitos brasileiros, vindos de todos os lugares, foram atraídos para Goiás, em busca do metal precioso. Valorizado na sua primeira missão, Anhangüera Filho queria voltar às terras com mais poderes. Imediatamente, o capitão-geral de São Paulo comunicou o fato ao rei de Portugal, D. João V, que respondeu com a carta régia de 29 de abril de 1726, aceitando todos os pedidos formulados por Bartolomeu Bueno.

Em decorrência, César Meneses passou a Bueno e a seu cunhado João Leite Ortiz a carta de sesmaria de 2 de julho de 1726, dando-lhes o direito das passagens de vários rios existentes no itinerário feito, bem como seis léguas de terras de testada à margem dos mesmos rios.

Bueno, então, retornou a Goiás, detendo-se num sítio próximo à Serra Dourada, onde encontrou diversas minas e fundou o primeiro povoado em terras goianas, com o nome de Barra. A pouca distância, achou outras minas e para lá se transportaram os moradores de Barra, levantando, em 26 de agosto de 1727, o arraial de Sant'Ana, que mais tarde (1739) tomaria o nome de Vila Boa, corruptela de Vila Bueno, núcleo da cidade de Goiás que, em 1748, foi transformada em sede do governo da capitania.

Em 1728, foi Bartolomeu Bueno investido nas funções de superintendente-geral das minas de Goiás, cabendo-lhe a administração da justiça civil, criminal e militar. Era, assim, constituída a primeira organização político-administrativa dos brancos em terras até então habitadas por índios. À medida que se iam descobrindo outras regiões auríferas, novos povoados se erguiam: Meia Ponte (hoje, Pirenópolis); Ouro Fino, Santa Rita de Anta, Santa Cruz, Crixás, São José, Água Quente e Traíras.

Em fins de 1733, em virtude de intrigas políticas entre o governo de São Paulo e o Reino, foi Bueno destituído das suas funções e substituído por Gregório Dias da Silva. A chegada a Goiás do novo superintendente coincidiu com o descobrimento de importantes jazidas, mas a cobrança de impostos provocou muitas revoltas.

Em 9 de maio de 1748, D. João V desmembrou o território goiano do governo de São Paulo, instituindo a capitania de Goiás e nomeando dom Marcos de Noronha como governador. Por esse tempo, as jazidas se esgotavam. Se, antes, o ouro era encontrado quase à superfície, agora recuava para o subsolo e para as correntes fluviais, tornando a captação difícil.

Decaía, dessa forma, a indústria mineira que, durante 20 anos, dera lucros fabulosos à coroa portuguesa.

A pergunta que se faz é: se Bartolomeu Bueno Filho criou povoados, que progrediram e hoje são reconhecidos, como Goiás Velho, Pirenópolis, Crixás e Rio Quente, por que Santo Antônio do Descoberto não alcançou o mesmo *status*?

É provável que Bueno não tenha querido, pois, assim que uma mina era explorada a ponto de o ouro se tornar mais trabalhoso para ser catado, o bandeirante transferia a sua comitiva para a mina mais próxima. Não poderia haver perda de tempo. O rei de Portugal era insaciável.

Igrejinha de Santo Antônio *um marco histórico*



Segundo a lenda, no início da exploração de ouro pelos bandeirantes em Santo Antônio dos Montes Claros, os escravos eram obrigados a trabalhar para atingir uma quota de ouro, e quando esta não era alcançada eles apanhavam.

Voltando de uma mineração mal sucedida, um grupo de escravos decidiu descansar debaixo de um pé de angico, quando um deles avistou uma imagem de Santo Antônio de Pádua incrustada no tronco da árvore. A imagem media aproximadamente sessenta centímetros.

Os escravos então retiraram a imagem para levá-la aos seus senhores, na expectativa de não sofrerem o castigo costumeiro. Deu resultado: os senhores ficaram felizes, esqueceram de aplicar o castigo e o dia do achado foi declarado dia de festa, e ninguém trabalharia no garimpo.



Por volta de 1722 a 1748 os senhores de escravos mandaram construir uma capelinha ao lado do pé de angico e, dentro dela, um altar para entronizar a imagem venerada, conforme os documentos “Julgado das Ditas Minas, 1748” e o livro de tombo do registro de Goiás Velho, da Igreja Católica (1756).

Essa primeira imagem de Santo Antônio parece ter sido levada a algum lugar hoje desconhecido de Portugal.

Lenda ou não, o fato é que Santo Antônio foi proprietário, conforme a tradição católica, das terras onde foi erigida a cidade com o seu nome e a festa em seu louvor é centenária.

Técnicas de construção da época

No período colonial, casas e igrejas eram construídas por engenheiros com mão-de-obra escrava, obedecendo a um estilo próprio. Toda a arte desenvolvida no Brasil tinha caráter basicamente religioso.

A arquitetura goiana adaptou a técnica construtiva paulista às condições ecológicas da região.

O bandeirante, para as edificações provisórias, adotava a tecnologia dos índios do “pau-a-pique” (estrutura de madeira trançada e preenchida com barro).

As igrejas e capelas definitivas foram construídas com alicerces de pedras e paredes de barro socado e misturado de melado de cana. Nessa tecnologia, conhecida como taipa-de-pilão, o melado funcionava como liga, pois se desconheciam o cimento

As igrejas, embora de fachadas simples, apresentam no seu interior talhas pintadas e douradas, retábulos, imagens e afeias que testemunham o esplendor dos tempos auríferos.

Tintas da época

As cores predominantes da época eram a branca e a azul. A cor branca era extraída da tabatinga (argila mole untuosa) e da cal, substância branca resultante da calcinação de pedras calcárias.

Para a pintura das portas, janelas e madeiras em geral, era usada a cor azul, extraída do anil (substância vegetal ou sintética utilizada como corante).

A igreja de Santo Antônio foi concluída em 1770, por José Pereira Lisboa, conforme relato deste livro.

A obra continha um pavimento, onde ficava o coral, que cantava as missas, e três altares. O altar-mor em estilo rococó, todo talhado em estilo barroco e policromado em ouro. Um nicho no qual ficava entronizada a imagem de Santo Antônio, também em estilo barroco. Os outros dois altares-cantoneiros (nos cantos da igreja), próximos ao arco-pleno que divide a capela-mor da nave principal.

No altar do lado direito era entronizada a imagem de São Sebastião; no esquerdo a de Nossa Senhora da Abadia.



Casamento de Josefina Abdon e Nagib - 1965
Interior da igreja de Santo Antônio

Dentro da igrejinha eram enterradas as pessoas ilustres e na parte externa existia também um cemitério, onde eram enterradas as pessoas comuns. O costume de enterrar os mortos dentro da igreja prevaleceu até o início do século XIX.

A igrejinha era toda assoalhada e sobre as tábuas a inscrição da ordem numérica dos túmulos. Ao lado esquerdo da nave principal ficava o púlpito, onde o padre fazia o sermão. Na parte externa da igrejinha, do lado direito, erguia-se a torre com a cúpula, debaixo da qual um campanário constituído de dois sinos. Esses sinos continham componentes de ouro. Segundo os antigos moradores da região, o som emitido pelo sino era ouvido a uma distância de 16 quilômetros.

Notas tiradas por S. Ex.^a Rev.^a o Sr. D. Eduardo de Quarta Silva de volta da visita ~~à~~ ~~parte~~ ~~de~~ ~~dimensões~~, limites de nascente a poente occupa o espaço de 180 kilometros, desde a margem direita do Rio S. Marcos até a margem esquerda do Rio Aças e de norte a sul 300 desde a margem esquerda do Rio Maranhão até a direita do Restriado. Segundo o acta de 20 de Abril de 1778 e disposições superiores, dign. posturas, divide-se a terra com os municípios de Paranaíba e Formosa, a oeste com os de Corumbá e Bomfim, ao meio dia com os de Batalha, S. M. N. S. Santa Cruz e ao norte com Abaetetuba, Trahyras, S. José do Tocantins e Formosa.

População: devisa de sete a dez mil almas a população desta freguesia?

Património: não existe documento algum sobre o património, actualmente possui uma casa legada por Francisco Velho?

Capellas filiaes: na sede da freguesia existem a Igreja do Rosário e a Capella de S. Barbara, além destas existem mais as seguintes: a de S. Antonio dos Monte blessed ou do Deserto, e a de S. Sebastião da terra dosabitados.

Vigários e Capellães

P. ^o D. Manuel da Silva Martins, Vigário de Abaetetuba, Encarregado de S. Lucia (1778)	
P. ^o Francisco de Espindola Albrayde, Capellão	
P. ^o Manuel Nunes da Nostra, Capellão, (1750)	P. ^o Domingos Roy de Carvalho, 12. Nov. 1763
P. ^o Luiz da Gama Mendonça, Capellão	P. ^o Fran. ^o Xavier de Lira (1765)
P. ^o José Pires - - - - - Capellão, (1751)	P. ^o José Pires
P. ^o José Domingos Martins Capellão,	Dr. Antonio Fernandes Barreto
P. ^o Antonio Ferreira Novais (1755)	P. ^o Cypriano da Rocha e Silva (1768)
P. ^o Carlos José de Azevedo Araujo	P. ^o Antonio Fran. ^o de Abella (1769)
P. ^o D. Antonio Rodrigues da Fontoura	P. ^o Antonio Domingos Lou
P. ^o Jeronymo Moreira de Carvalho (1757)	P. ^o Fran. ^o Xavier de Souza
P. ^o José Francisco de Oliveira (Coadjutor)	P. ^o Agostinho Machado Fagundes (1771)
P. ^o José de Bastos Oliveira (1761)	P. ^o Manuel Dias de Souza

Descaracterização



Foto de 1958



Foto de 1960



Foto de 2002

Ao longo do tempo, a igreja de Santo Antônio foi sendo descaracterizada. Em 1929, ela sofreu a primeira reforma importante, quando o padre Aleixo contratou os serviços do carpinteiro Benedito Gomes Rabelo. Trabalharam também na reforma Zé Lopes, Alfredo Machado (tesoureiro da igreja) e Evaristo Rodrigues Vidal.

Em 1958, a estrutura da igreja voltou a apresentar um diagnóstico decadente, que resultou em demolição parcial em sua nave principal. Os maiores problemas foram: despreenchimento externo, falta de aderência das pinturas, deterioração de algumas peças da estrutura de madeira e infestação de cupim, ratos, morcegos e aves pequenas.

Em 1960, tais problemas levaram à demolição e redução de mais ou menos oito metros da nave principal da igreja. Com isso, foi abaixo todo o trabalho de artistas do gênero do século XVIII, entre os quais o forro da capela-mor, todo trabalhado à mão, retratando em relevo a vida de Santo Antônio de Lisboa, e bordados com algumas rocalhas de ouro.

Seguiu-se a descaracterização ou destruição do arco-pleno, no qual existia uma placa que constava a data da conclusão da igreja; o campanário externo, constituído de quatro estacas de aroeira; o assoalho, o púlpito, o coro, os óculos, os altares com seus nichos. Os dois sinos desapareceram.

A demolição parcial e a descaracterização ao longo dos anos foram perdas incalculáveis no aspecto físico do prédio, na sua arquitetura, na beleza das pinturas e volteios.

O altar principal, de harmonia impressionante, foi encoberto pela fuligem dos tempos. Mas deixou a majestade nas lembranças e memórias. Os símbolos de elos de inúmeras gerações. A rede emocional invisível que faz a união e história de uma comunidade e do povo de um lugar.

A igreja de Santo Antônio foi palco de história de vida sempre num tempo em que a referência maior do convívio social era no interior dos templos.

A igreja assistiu, silenciosa e imponente, a alegria, tristeza, aproximação e futuros enlaces. Foi responsável pela perpetuidade, convivência e manutenção da alma e do corpo de uma cidade inteira.

Sob as tábuas centenárias, repousam vultos que asseguram o palpitar da epopéia de uma gente heróica, digna, onde os valores imperecíveis tinham peso de ouro puro.

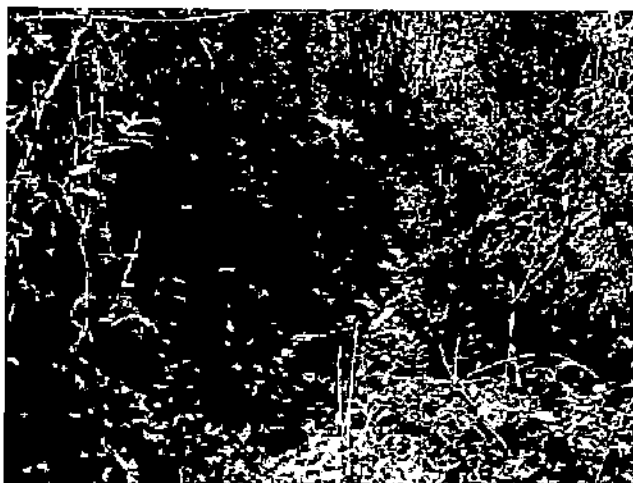
Para aqueles que não têm conhecimento cultural, ou que não sabem o que é um real patrimônio, queremos dizer que esse patrimônio (palavra derivada de pai) é nosso. Temos de conhecê-lo e preservá-lo para as futuras gerações, pois desenvolvimento não se faz destruindo o patrimônio cultural, pois sem ele o povo não tem história e sem história o povo não é ninguém.

Já dizia a escritora e colunista Augusta Fleury: "Hoje, acima de toda essa memória temos de colocar nossa fibra de luta e não desanimar de maneira nenhuma. Com os recursos tecnológicos e arquitetônicos e muitos outros do mundo moderno é possível recriar idêntica igreja, mesmo que não seja aquela original e autêntica, mas que nos devolva à vista, ao coração a sensibilidade e toda a plástica desse monumento que nesse instante dorme nos retratos, nas retinas e nas lembranças, mas vai acordar feericamente perfeito e completo, pois somos teimosos e é característica dos bravos vencer desafios".

Da decadência do ouro à criação do povoado

O núcleo habitacional de Santo Antônio do Descoberto nasceu juntamente com a expansão da garimpagem de ouro no Brasil. O núcleo, entretanto, não foi um centro aurífero por excelência, mas apenas onde os garimpeiros cavaram a terra e reviraram o leito do rio caçando o metal que, uma vez encontrado e explorado rapidamente, os exploradores se evadiram, deixando aqui histórias, lendas e, sobretudo, uma capelinha em homenagem a Santo Antônio de Pádua. Aqueles que amaram a terra e resolveram permanecer, somando-se àqueles que chegaram depois, são responsáveis pela nossa existência como município e cidade, com a diversidade cultural que temos hoje.

Sinais de exploração de ouro



Em Santo Antônio do Descoberto, ainda existem valas abertas de aproximadamente 3 metros de profundidade, por uma extensão de aproximadamente um quilômetro, nascendo no final da Vila Beira Rio II. O córrego Cabeludo, além de dividir os dois Beira-Rios, também era local de garimpo. O ouro era retirado em terra – em talhe aberto – e lavado no Rio Descoberto (conforme *Julgado das Ditas Minas*).

A exploração de ouro entrou em decadência no Rio Descoberto quando o bandeirante Antônio Bueno de Azevedo, vindo de Minas Gerais, descobriu ouro na localidade que ele chamou de Santa Luzia, e onde fundou o arraial em 13 de dezembro de 1746.

Parte dos mineiros de Santo Antônio do Descoberto foi para Santa Luzia, outros para o arraial dos Couros (hoje, Formosa) e os demais se apossaram das terras devolutas próximas à capela de Santo Antônio. Daí surgiram as fazendas Lagoa, Boa Vista, Capão Grosso, Sabarú, Laje, Antinha de Cima e De Baixo, Santa Rosa, Pontezinha, Alagados. Esses que escolheram permanecer na região ficaram com os seus escravos, tanto que a Antinha de Baixo chamava-se antes Antinha dos Pretos.

O arraial de Santo Antônio do Descoberto, onde foi construída uma capela, ficou vinculado a Santa Luzia.

Com a decadência do ouro, em Santo Antônio do Descoberto ficaram somente os fazendeiros com os seus escravos, que se adaptaram à pecuária e ao plantio e moagem de cana e fabrico de aguardente. Não ficou quase ninguém no arraial de Santo Antônio. Ao contrário, o arraial de Santa Luzia tornou-se um centro comercial e também religioso. Daí se explica o fato de Santa Luzia ter-se elevado à condição de comarca. Porém Santo Antônio não ficou esquecido. Anualmente, as famílias dos que se foram e seus descendentes vinham para as festas de Santo Antônio, ajuntando-se com os festeiros das fazendas.

Agostinho Lopes Conde



Entre os que resolveram permanecer na região de Santo Antônio estava um barão português, vindo para o Brasil no final do século XVIII. Este barão, cujo nome não foi possível identificar, participou da bandeira de Antônio Lisboa, que explorou ouro nas margens do Rio Despertado (mais tarde, Descoberto). A presença de um barão é explicada porque a bandeira era democrática, com o acesso de aristocratas, clérigos, escravos e aventureiros de toda espécie. Com a morte do barão, o filho Agostinho Lopes Conde herdou a fazenda Boa Vista, onde produzia aguardente, açúcar e rapadura. Também se dedicou à pecuária (bovinos, suínos e caprinos). Agostinho era casado com Matilde Paula da Silva, que lhe deu os filhos Pedro, Antônio, Rosa e Mariana.

Vale destacar que as terras que hoje constituem a fazenda Boa Vista eram antes, porém, fazenda Lagoa, do coronel Flor Ramos de Andrade. A família Conde comprou uma parte desta fazenda e a batizou como fazenda Boa Vista. Agostinho Conde comprou ainda três capões: Olaria, Capoeira do Morro e Mato Siriema. Foi no capão Olaria que foram fabricadas as telhas, moldadas nas coxas dos escravos, que cobriram a capela de Santo Antônio e outras casas que surgiram depois.

Concluindo, Agostinho Lopes Conde foi quem doou as terras onde se situa Santo Antônio do Descoberto (conforme certidão). Ele era um alferes, equivalente ao cargo de 2º tenente da Polícia Militar. Conde é também título de nobreza, entre o visconde e marquês. Temos hoje no município inúmeros descendentes de Agostinho, já na quarta geração, residentes sobre as terras que o seu tetravô doou para Santo Antônio.

Luís Rodrigues Vidal

Foi o construtor da primeira casa de alvenaria, próxima à capela de Santo Antônio, do lado esquerdo da Rua dos Carreiros (hoje, São Judas Tadeu). Luís Rodrigues Vidal, natural do arraial de Meia Ponte (hoje, Pirenópolis), era casado com Francisca Moreira da Silva, filha do coronel Romão da Silva Moreira, também do arraial Meia Ponte. Vidal e Francisca tiveram dez filhos: Evaristo, Tomé, Agostinho, Pedro, Estevão, Luís, Mariano, Maria, Antônia e Paulo.

O alferes Luís Rodrigues Vidal iniciou como caixeiro-viajante, percorrendo os garimpos de Corumbá e Meia Ponte. Foi prosperando e aumentando a sua tropa de animais e, mais tarde, passou a comprar terras de primitivos no valor de cinco mil réis, dez mil réis, até se tornar proprietário de 1.900 alqueires goianos de terra e um dos maiores proprietários de terras do Planalto Central. Era dono das áreas que hoje constituem Taguatinga, Guariroba (antiga fazenda Guariroba) e Águas Lindas. Na fazenda Guariroba, promoveu o maior desenvolvimento da época, pois lá desenvolvia a maior criação de ovelhas, gado, tropas de cavalos e burros, engenho de açúcar e produção de aguardente e rapadura.

Como devoto de Santo Antônio, participava assiduamente dos festejos. Dormia com a família em rancho de palha e, em cada final de festa, voltava para a fazenda Guariroba. No início do século XX, a primeira casa do povoado de Santo Antônio hospedava caravanas deromeiros. Foi quando começaram a chegar famílias mais próximas à capela de Santo Antônio, como a família do coronel Modesto Camelo Mendonça, um dos maiores fazendeiros da região de Ponte Alta (hoje, Gama). Modesto Camelo era casado com Januária Camelo Mendonça, com quem teve quatro filhos: Maria Tereza (esposa do primeiro comerciante do povoado, João Elias Abdon, conhecido como João Turco), Antônia, Benedito e Joaquim.



Luis Rodrigues Vidal

História, origem e a gente de Santo Antônio do Descoberto

Santo Antônio do Descoberto foi fundado por volta de 1722, no auge do Ciclo do Ouro do Brasil Colônia.

Tornou-se distrito de Luziânia em 1963 e emancipou-se em 14 de maio de 1982, 260 anos depois de achado ouro. O primeiro prefeito e a primeira Câmara de Vereadores foram eleitos em 15 de novembro seguinte.

Bartolomeu Bueno da Silva, o Anhangüera II, procedente de São Paulo, esteve por aqui em 1722, com sua bandeira composta de 152 pessoas, incluindo escravos, tendo como guia Urbano do Couto Menezes. Aqui, foi achado ouro, construída uma capelinha em louvor a Santo Antônio de Pádua e erigida uma cruz de madeira no alto do morro Montes Claros.



Morro Montes Claros (Morro da Cruz)

Como diz a lenda, os escravos acharam a imagem de Santo Antônio debaixo de um pé de angico e ao lado construíram uma capelinha para abrigar a imagem do santo. É desconhecida a data precisa de quando se deu início à construção da capelinha, mas sabe-se que foi entre 1722 e 1748, conforme citação do “Julgado das Ditas Minas de Santa Luzia”, um documento em que se delimitou a área de mineração. Esse documento, de

diffícil leitura, foi copiado pelo escritor Paulo Bertran, do original em poder da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro.

A mineração em Santo Antônio dos Montes Claros, ou Descoberto, foi abandonada com a descoberta de ouro em Santa Luzia, em 1746. A mineração foi retomada, em 1757, pelo capitão José Pereira Lisboa, que veio da Bahia, em 1755, seguindo as fazendas de gado (caminho dos currais), trazendo uma grande tropa de animais, transportando tecidos, ferramentas de mineração e outras mercadorias estrangeiras, e 148 escravos jovens.

José Pereira Lisboa desembarcou em Santa Luzia, permaneceu dois anos naquela cidade e veio para a mineração de Santo Antônio dos Montes Claros.

Aqui chegando, montou o seu acampamento na margem direita do Rio Descoberto, para explorar ouro. Aí se encaixa a lenda do caçador, contada pelo historiador Joseph de Melo (1837-1912).

"Sabendo o capitão José Pereira Lisboa que um caçador, morador nas margens do Despenhado, lavando o bucho de um veado encontrou algumas pepitas de ouro, tratou de examinar o lugar e tanto ouro encontrou que passou imediatamente para o local com sua escravatura e ali abriu largo serviço".

Em 1765, Lisboa iniciou a obra de ampliação da capelinha, já existente próxima ao rio. Ele tinha motivos bastante para isso: era devoto de Santo Antônio de Pádua, ou Lisboa, seu patriócio. Porém, passou pela localidade o visitador-geral da Igreja, oriundo da Freguesia de Santa Luzia (Luziânia), e embargou a obra, por não estar autorizada pela Igreja.

Só em 4 de janeiro de 1770, portanto, cinco anos mais tarde, é que Lisboa e outros obtiveram do visitador-geral a autorização para continuar a ampliação da capela. Então, Lisboa fez a nave grande com duas sacristias. As sacristias, no caso da capela de Santo Antônio, foram dois cômodos externos acoplados à nave, que serviam para o padre guardar os paramentos e como vestiário. As igrejas modernas mantêm a sacristia, embora não da forma das igrejas antigas, do lado de fora. A capelinha original tornou-se o altar-mor da capela ampliada.

Em 11 de setembro de 1770, José Pereira Lisboa é preso no arraial de Santa Luzia, após reagir a uma galhofa e sacar arma contra o juiz ordinário. É levado preso para Vila Boa, hoje Goiás Velho. Foi solto em 3 de dezembro de 1773, sendo recepcionado com festas pelo clero de Santa Luzia, que lhe rezou uma missa em ação de graças.

A comitiva do capitão Lisboa explorou ouro em Santo Antônio dos Montes Claros durante 13 anos (de 1757 a 1770). A mineração, naturalmente, foi suspensa com a sua prisão. Poderia ser continuada com a liderança de outra pessoa, porém o ouro estava ficando mais profundo e os equipamentos utilizados na mineração eram bastante rudimentares, como relata o documento "Julgado das Ditas Minas de Santa Luzia, de 1748".

JULGADO DAS DITAS MINAS DE SANTA LUZIA DA COMARCA DE GOIÁS

“Relação das coisas mais notáveis e notícia formal dessas Minas e Julgado de Santa Luzia da comarca de Goiás, mandada escrever pelo Ilmo. e Exmo. senhor General desta Capitania. É a seguinte: O primeiro descobridor destas Minas, Antônio Bueno de Azevedo, o qual as descobriu no ano de mil, setecentos e quarenta e seis, governando esta capitania, como todas as mais das Minas, o senhor Gomes Freire de Andrada, aliás o D. Luís de Mascarenhas.

Foi ereto o Julgado das Ditas Minas no ano de mil, setecentos e quarenta e oito, sendo ouvidor desta Comarca Manoel Antunes da Fonseca.

Tem o dito Julgado de extensão, quarenta e oito léguas de longitude. Confina este Arraial de Santa Luzia, na distância de dezoito léguas com o Arraial dos Couros, o qual tem uma capela. Na distância de nove léguas, confina com o Arraial pequeno na passagem chamada Santo Antônio dos Montes Claros, no qual também se acha outra capela. Confina este dito Julgado de Santa Luzia em circuito, com o Julgado de Meia Ponte, Trairas, Cavalcante, Paracatu e Santa Cruz.

A Serra dos Cristais em que há tradição antiga de ter nela haveres, porém até agora se não tem descoberto, ainda que nela se tenha feito algumas explorações, porém até agora se não tem descoberto coisas de valor.

O morro chamado de Palmital, onde tem duas lavras de talho aberto, com dois regos de águas tiradas de mais de seis léguas de distância, das quais são senhores o Exmo. Coronel João Pereira Guimarães e seu sócio Capitão Manoel Ribeiro da Silva, e mais sócios, e de outra, Vicente Gomes, Manoel Jorge Carvalho e mais sócios.

O morro ou chapada... do dito Arraial de Santa Luzia no qual se acham duas lavras também de talho aberto das quais são seus donos o Capitão Manoel Ribeiro da Silva, José Ribeiro Costa, o Coronel João Pereira Guimarães e Maria de Bastos Nerva.

O rio chamado Corumbá no qual a tradição certa de que tem ouro, e com capacidade para se fazerem serviços, no qual se não trabalha por ser infestado de gentio Caiapó, o qual tem morto naquelas margens mais de cinqüenta pessoas.

O ribeirão de Pamplona, o qual foi descoberto por Pascoal Pamplona Valadão, o qual há bastantes anos trabalhou o capitão José Pereira Lisboa, Francisco Álvares Pereira e outros, os quais por fazerem limitados jornais e por ter também paragem infestada de gentio Caiapó se acha deserta.

Os ribeirões chamados de Santa Luzia e de Palmital foram e são os primeiros destas Minas os quais se acham lavrados e ainda hoje se trabalha neles, ainda que são limitados os jornais que deles se extraem.

O Ribeirão chamado de Santo Antônio dos Montes Claros no qual também se tem trabalhado e extraído ouro, por ser alcantilado e dificultoso para se fazerem serviços se não tem continuado na sua extração.

Tem o dito Julgado, quatro rios de canoas, a saber: Corumbá, São Bartolomeu, São Marcos e Rio Preto.

Tem o mesmo Julgado nas estradas principais que saem do dito Arraial de Santa Luzia para os mais confinantes, quarenta e duas pontes, a saber, do dito arraial para o de Meia Ponte, dez; do mesmo arraial para o dos Couros pela estrada da contagem de São João, nove; saindo pela contagem de São Bartolomeu para o serião, nove; seguindo a estrada de Paracatu depois que passa o Rio São Bartolomeu, duas; saindo pela estrada que vai para o Julgado de Santa Cruz, duas; pela estrada de São Marcos que vai para Paracatu com outras mais particulares fora das mencionadas estradas, dez.

Tem o dito Julgado nove lavras em que se extrai ouro, a saber: no Morro do Palmital, a lavra do Coronel João Pereira Guimarães em que é sócio com o Capitão Manoel Ribeiro da Silva em cuja lavra e em outras que os ditos sócios tem na capada deste Arraial... entre ambos os sócios duzentos e oitenta escravos debaixo da administração de dois feitores, Manoel da Cunha Teles e

Na chapada deste Arraial se acha outra lavra de João G. Da Costa Torres com trinta e dois escravos, os quais trabalham debaixo da administração de seu senhor. Como também se acha a lavra do Capitão Manoel Ribeiro da Silva, José Ribeiro Costa e mais sócios da qual já acima se faz menção. Nas cabeceiras do Ribeirão de Santa Luzia se acha outra lavra do Capitão José Pereira Lisboa com serviço de roda, o qual possui cento e cinqüenta escravos debaixo da administração de seu feitor José Álvares. Logo imediata a esta se acha outra lavrinha de Antônio da Cunha Souto Maior de seus sócios o qual ocupam dez escravos debaixo de sua administração e logo na mesma paragem se acha outra lavrinha de Antônio Nunes de Azevedo, o qual possui dez escravos debaixo de sua administração.

No Ribeirão de Santa Luzia na paragem chamada de Barreiro se acha outra lavra de que é senhor José Nogueira, o qual possui trinta e quatro escravos os quais trabalham debaixo da administração de seu senhor.

Há no dito Julgado quatorze engenhos de moer cana, a saber: um de Antônio Francisco de Araújo, o qual possui quatro escravos. Outro de Manoel Carvalheiro Lambria com dezessete escravos. Outro do Alferes Manoel Dias Roriz, o qual possui setenta e cinco escravos. Outro de Manoel Jorge de Carvalho com trinta e três escravos. Outro do Juiz Ordinário João de Oliveira Roriz de Sá, o qual possui vinte e dois escravos. Outro do Coronel João Pereira Guimarães, o qual possui setenta e oito escravos. Outro de Marinho Coelho de Siqueira, o qual possui dez escravos. Outro de Antônio Teixeira de Carvalho, o qual possui quatro escravos. Outro de Lázaro de Melo Álvares, o qual possui trinta e três escravos. Outro do Coronel José da Costa Val, o qual possui cento e dezoito escravos. Outro de José Domingos da Rocha, o qual possui vinte e um escravos. Outro de João da Costa Balsemão, o qual possui dez escravos. Outro de Joaquim da Rocha Couto e José Francisco Vila Cortes os quais possuem dez escravos.

Tem mais três engenhos de pilões de fazer farinha de milho, a saber: um de José Gomes Bezerra, o qual possui quinze escravos. Outro de João Mártires Val, o qual possui sete escravos. Outro do tenente Gabriel da Cruz Miranda, o qual possui dezesseis escravos.

Todas as terras em que se acham situados esses engenhos são férteis e abundantes na produção dos mantimentos.

Julga-se que os escravos que se ocupam no exercício de falcadores poderão chegar a duzentos e quarenta, pouco mais ou menos.

Há no Arraial quatorze lojas de fazenda seca, entre maiores e menores.

Há uma carregação de molhados. Há no dito Arraial setenta vendas ou tabernas. Há em todo julgado oitenta e uma casas de pessoas brancas. Há de pessoas pardas cinqüenta e oito. Há de pessoas forras, vinte.

Acha-se o dito Arraial povoado com duzentos e vinte moradores cabeças de pais de famílias os quais todos se ocupam em seus serviços de porta adentro duzentos e vinte e cinco escravos. Todos os mais escravos que há em toda a Freguesia se ocupam ... e nos mais ministérios conforme os tratos de seus senhores.

Rende o Conselho desse Julgado duzentas oitavas de ouro. O rendimento dessa Freguesia pelo que pertence ao vigário por sua informação são oitocentos e tantos mil reis.

Toda a relação acima expressada está conforme o sentir dos mais antigos moradores deste arraial."

(Fonte: História do Planalto, Coletânea, Academia de Letras e Artes do Planalto, Luziânia, 1996).

A mineração de José Pereira Lisboa deixou a capelinha de Santo Antônio ampliada e a grande vala, que nasce no Rio Descoberto até o setor Beira Rio II, numa extensão de 500 metros, aproximadamente.

Deve-se ressaltar que para ampliar a capelinha Lisboa utilizou mão-de-obra escrava e a tecnologia da época. No lugar dos tijolos, areia e cimento de hoje, taipa de pilão, barro especial retirado das

Com o abandono das minas de Santo Antônio dos Montes Claros, porque o ouro estava difícil de ser extraído, a população do lugar se espalhou, uns voltaram aos seus locais de origem, outros se adaptaram à região, à pecuária e ao plantio e moagem de cana e fabrico de aguardente.

Dai surgiram as fazendas Lagoa, Boa Vista, Capão Grosso, Sabarú, Laje, Antinha de Cima e de Baixo.

Não ficou quase ninguém no arraial de Santo Antônio. Ao contrário, o arraial de Santa Luzia tornou-se um centro comercial e também religioso. Dai se explica o fato de Santa Luzia ter sido elevado à condição de comarca.

Porém Santo Antônio dos Montes Claros, ou Descoberto, não ficou totalmente esquecido. Anualmente, famílias tradicionais de Santa Luzia, ou Luziânia, vinham para a festa, e um casal – o homem era geralmente um político – era escolhido como festeiro, cargo que conferia um lugar de honra na sociedade.

Foi assim, religiosamente, até 1984. De 1984 até 1996, Luziânia começou a perder a supremacia das festas, passando a indicar apenas um festeiro. O outro era de Santo Antônio do Descoberto.

A comunidade católica local somente veio a assumir o controle total da festa a partir de 1997, quando os dois festeiros passaram a ser da cidade. A título de curiosidade, o casal de festeiros é o organizador e patrocinador da festa de Santo Antônio, daí o fato de os convidados deverem possuir boa situação econômica e social.

Entre aqueles que resolveram permanecer na região de Santo Antônio estava Agostinho Lopes Conde, da fazenda Boa Vista, onde produzia aguardente, açúcar e rapadura e se dedicava à pecuária (bovinos, suínos e caprinos).

Agostinho era casado com Matilde Paula da Silva, que lhe deu os filhos Pedro, Antônio, Rosa e Mariana. Até o momento, o historiador Carlos Carvalho não conseguiu descobrir a data de nascimento, nem a de falecimento de Agostinho, mas a certeza de que ele existiu está num documento da Igreja Católica de 1858, testemunhando que ele fez a doação das terras que hoje compreendem o perímetro urbano de Santo Antônio do Descoberto e a “Mata Santo Antônio”.

Somente cem anos depois, em 1958, é que a Igreja fez o usucapião no Cartório de Registro de Imóveis de Luziânia.

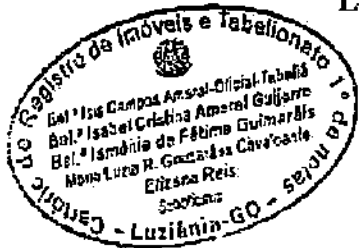
Fonte: Luís Rodrigues Vidal foi o fundador do vilarejo próximo à capela de Santo Antônio, onde construiu a primeira residência de alvenaria, do lado esquerdo da Rua dos Carreiros (hoje, Av. São Judas Tadeu).

Natural do arraial de Meia Ponte (hoje, Pirenópolis), Luís Rodrigues Vidal era casado com Francisca Moreira da Silva, filha do coronel Romão da Silva Moreira. Vidal e Francisca tiveram os filhos Maria, Mariana, Estêvão, José, Agostinho, Pedro, Evaristo e Tomé, este último foi professor na Fazenda Capão Grosso.

O aposentado Vertrude da Costa e Silva, 83 anos, que residente em Santo Antônio do Descoberto, entrevistado em fevereiro de 2003, declarou que nasceu na Fazenda Guariroba e conheceu os filhos de Vidal.



Cartório de Registro de Imóveis e Tabelionato 1º de Notas
Luziânia - Estado de Goiás.



Bel.ª Isis Campos Amaral, Oficial do Registro de Imóveis da Comarca de Luziânia, Estado de Goiás, na forma da lei, etc...

CERTIDÃO

CERTIFICA, que no livro 3-P de seu Cartório, às fls. 187/188, encontra-se a seguinte transcrição: **Nº DE ORDEM: 16.388. Nº DA TRANSCRICÃO ANTERIOR:** Não há. **DATA:** 13 de Março de 1961. **CIRCUNSCRIÇÃO:** Luziânia. **DENOMINAÇÃO OU RUA E NÚMERO:** Santo Antônio dos Montes Claros. **CARACTERÍSTICAS E CONFRONTAÇÕES:** Exmo. Sr. Dr. Juiz de Direito da Comarca de Luziânia: Diz a Arquidiocese de Goiânia, entidade religiosa, com sede e fóro em Goiânia, neste estado, representada por seu Arcebispo Dom Fernando Gomes, brasileiro, solteiro, eclesiástico, residente em Goiânia, via de seu advogado e bastante procurador abaixo-assinado, nos termos do mandado-junto: - Que, em 28 de Setembro de 1858, perante a paróquia da Santa Luzia, atual Luziânia, foi feito o registro paroquial das terras denominadas "Santo Antônio dos Montes Claros", situadas neste município, à margem direita do rio Descoberto e distantes desta cidade cerca de sessenta quilômetros. Esse registro fez-se em nome da "Capela do Glorioso Santo Antônio dos Montes Claros" e foi assinado por Antônio Joaquim da Silva e Padre Delfino Machado de Farias, o primeiro tesoureiro e o segundo vigário da referida paróquia, conforme se vê da certidão inclusa (doc.2); - Que, no mencionado registro paroquial, aquelas terras foram caracterizadas pela seguinte forma: "Pertence à Capela do Glorioso Santo Antônio dos Montes Claros o terreno em que está edificada a capela com os campos de criar e matos de cultura em distância de meia légua, do Nordeste a Poente, e de Norte a Sul; ficando a predita capela no centro, cujas divisas são, pelo Nascente com terras de Antônio Alves Rabelo, pelo veio da água do rio Descoberto pelo Poente, com as do finado Agostinho Lopes Conde, pelo Norte com os montes que ficam no fundo da Capela de Sul, com o mato da Olaria; bem como um capão de cultura e campos de criar que é o patrimônio da capela dita, distante uma e meia légua, que divide com as terras do dito finado Conde, com a extensão de meia légua, cuja divisão da cabeceira abaixo, meia légua, ao do estreito para acima (doc.2). Que a Arquidiocese de Goiânia, por si e seus antecessores, a Mitra Arquidiocesana de Santana de Goiás e a Igreja Católica, através de seus representantes no Estado de Goiás, desde a data do citado registro paroquial, vem mantendo posse mansa e pacífica, ininterrupta e inconteste e com animus domini sobre as terras de "Santo Antônio dos Montes Claros", enviando, normalmente, ao povoado que lá se formou, sob o seu consentimento, um representante da igreja, que leva sempre aquela gente o conforto da religião católica; Que no sentido de legitimar a sua posse, a Suplicante promoveu o levantamento das mencionadas terras de "Santo Antônio dos Montes Claros", conforme planta e memorial descritivo inclusos (docs. 3 e 4), obedecendo às mesmas divisas do registro paroquial, reconhecidas e respeitadas há um século, e atualizando-as da seguinte maneira: - "Começa na margem direita do rio "Descoberto, onde inicia o espigão que faz divisa com a fazenda Boa Vista; daí, segue margeando o rio Descoberto abaixo, com os rumos e distâncias SE, 49º 30' 575 metros SO 11º 15' 180 metros; SE 20º 5' 275 metros, SO 22º 10' 265 metros, SO 25º 0' 274 metros, SE 5º 0' 175 metros; SE 50º 5' 224 metros, SO 10º 0' 201 metros, NO 42º 30' 302 metros, SO 35º 10' 210 metros, SO 0º 30' 375 metros, SO 28º 0' 549 metros, NO 47º 10' 594 metros, NO 75º 30' 653 metros, NO 29º 40' 715 metros, NO 29º 0' 503 metros, NO 45º 0' 571 metros, NO 51º 30' 548 metros. Est. nº 12, conforme se vê da planta respectiva, a divisa termina na barra do córrego Moreira e segue por este acima, veio

Do total da terra doada por Agostinho, 391 hectares foram loteados pela Igreja, 115 anos depois. O loteamento constitui a parte central de Santo Antônio do Descoberto, que vai da ponte até o CAIC José Elias Azevedo:

Vale destacar que as terras que hoje constituem a Fazenda Boa Vista eram antes, Fazenda Lagoa, do coronel Flor Ramos de Andrade. A família Conde comprou uma parte desta fazenda e a batizou como Fazenda Boa Vista. Agostinho Conde comprou ainda três capões: Olaria, Capoeira do Morro e Mato Seriema:

No capão Olaria, foram fabricadas as telhas, moldadas nas coxas dos escravos, que cobriram a capela de Santo Antônio e casas que surgiram depois. Agostinho Lopes era um alferes, equivalente ao cargo de 2º tenente da atual Polícia Militar. Temos hoje no município inúmeros descendentes morando nas terras que Agostinho doou para Santo Antônio:



Ten Estevão, filho de Luiz Rodrigues Vidal, e sua esposa - 1938

Luís Rodrigues Vidal foi o fundador do vilarejo próximo à capela de Santo Antônio, onde construiu a primeira residência de alvenaria, do lado esquerdo da Rua dos Carreiros (hoje, Av. São Judas Tadeu).

Natural do arraial de Meia Ponte (hoje, Pirenópolis), Luís Rodrigues Vidal era casado com Francisca Moreira da Silva, filha do coronel Romão da Silva Moreira. Vidal e Francisca tiveram os filhos Maria, Mariana, Estêvão, José, Agostinho, Pedro, Evaristo e Tomé, este último foi professor na Fazenda Capão Grosso.

O aposentado Vertrude da Costa e Silva, 83 anos, residente em Santo Antônio do Descoberto, entrevistado em fevereiro de 2003, declarou que nasceu na Fazenda Guariroba e conheceu os filhos de Vidal.

O alferes Luís Rodrigues Vidal iniciou-se como caixeiro-viajante, percorrendo os garimpos de Corumbá e Meia Ponte. Foi prosperando e aumentando a sua tropa de animais e, tempo mais tarde, passou a comprar terras de primitivos no valor de cinco mil réis, dez mil réis, até se tornar proprietário de 1.900 alqueires goianos de terra e um dos maiores proprietários do Planalto Central.

Era dono das terras que hoje constituem Taguatinga, Guariroba (antiga Fazenda Guariroba) e Águas Lindas. Na Fazenda Guariroba, houve o maior progresso da época, pois lá desenvolvia a maior criação de ovelhas, tropas de cavalos e burros, engenho de açúcar e produção de aguardente e rapadura.

Como era devoto de Santo Antônio, participava assiduamente dos festejos. Dormia com a família em rancho de palha e em cada final de festa voltava para a fazenda Guariroba.

Luís Rodrigues Vidal morreu em 26 de junho de 1919.

Vários fazendeiros desta região e de Santa Luzia construíram casas próximas à capela de Santo Antônio, a exemplo do coronel Modesto Camelo Mendonça (da região de Ponte Alta, hoje Gama). Modesto Camelo era casado com Januária Camelo Mendonça, com quem teve quatro filhos: Maria Teresa (esposa do primeiro comerciante do povoado, João Elias Abdon, conhecido como João Turco), Antônia, Benedito e Joaquim.

Construíram também suas casas nas proximidades da capela Santo Antônio:

Joaquim Lopes Conde, descendente de Agostinho Lopes Conde, foi o proprietário da terceira casa da vila. Tinha dois filhos, Laudimiro e Ivan.

A quarta casa era do coronel Herculano Campos Meirelles, que foi demolida. Sobre o local foi construída a casa da família de Sebastião Pinto (já falecido). Herculano, que morava em Luziânia, era possuidor de uma área de terra em Santo Antônio do Descoberto.

Tempos depois, a família Brás de Queiroz comprou a terra, onde hoje está o Parque Estrela Dalva XII ou Vila Queiroz. A história é a seguinte: Herculano tinha uma única filha com o nome de Maria Meirelles das Dores, que herdou as terras e vendeu para Maurílio. Foi então passando essas terras para a família Brás de Queiroz, que loteou a propriedade.

A quinta casa em torno da capelinha era de Pedro Alves Diniz e da esposa Maricota, que eram os pais de Dão Alves Diniz, de Sebastião Alves Rodrigues, de dona Lídia Alves Diniz (falecida em 2002, de acidente automobilístico) e de Iracy Alves Diniz. Assim, o vilarejo foi crescendo dia-a-dia, com a chegada de outros moradores.

As pessoas mais antigas do lugar contavam para os recém-chegados que só poderiam permanecer no vilarejo enquanto durassem os festejos de Santo Antônio, porque aqueles que pretendessem ficar por aqui morreriam dentro de um ano. Talvez essa história tenha sido inventada pelos próprios fazendeiros, com o intuito de preservar ainda possíveis focos de ouro existentes em torno do vilarejo.

Então, com a construção da primeira casa de Luís Rodrigues Vidal, foram chegando mais famílias. Vidal era sogro de dona Senhorinha, casada com Evaristo Rodrigues Vidal. Dona Senhorinha era zeladora da capela e cantora. Evaristo era o sacristão da igreja e guia de padre Bernardo. Evaristo e Senhorinha formavam um casal muito religioso.

Como sacristão, Evaristo acompanhava o padre Bernardo em suas viagens pela região de Vão dos Angicos – depois Barro Alto e atualmente Padre Bernardo – e ajudava nas missas na capela de Santo Antônio.

O termo “capela” foi resultado da decadência do garimpo, ficando só a igrejinha. Os moradores de fazendas da região denominaram o lugar de Capela, porque só voltariam ao lugar na ocasião de festas e de pagamento de promessas



Evaristo e Senhorinha

Festejos de Santo Antônio



Festa de Santo Antônio – ano de 1940
Cavaleiros: Tibúrcio, Nativo e Moisés

As festas de Santo Antônio, por muito tempo, foram celebradas em 29 de junho, dia de São Pedro, para não coincidir com a de Santo Antônio de Olhos d'Água, município de Alexânia, porque só existia um padre.

Ainda em 1939, o sr. Filipe Turco, quando finalizavam as festas, voltava para Santa Luzia em carro de bois, com as mercadorias que sobravam.

Benedito Gomes Rabelo, pai de Antônio da Conceição (mais popularmente conhecido como *Tõe Nenen*), lá por volta de 1932, fazia o trajeto com carro de bois de Santo Antônio dos Montes Claros a Santa Luzia, semanalmente, gastando de dois a três dias de viagem, trazendo mercadorias de primeira necessidade para Santo Antônio dos Montes Claros.



Carro de bois da Fazenda Capão Grosso - 1957

Nesse tempo, não havia comerciante fixo no lugar. Quando terminavam os festejos, os comerciantes voltavam às suas origens com as mercadorias que sobravam.

Com a morte do sr. Benedito Gomes Rabelo, o seu filho Antônio Gomes da Conceição assumiu o trabalho de carreiro, sempre transportando mercadorias essenciais.

Antônio Gomes da Conceição, ou *Tõe Nenen*, era filho de Benedito Gomes Rabelo e de Mariana Rodrigues Vidal. Mariana, por sua vez, era filha do alferes Luís Rodrigues Vidal e de Francisca da Silva Moreira.

A festa de Santo Antônio dos Montes Claros, de 1º a 13 de junho, teve como primeiro celebrante o padre Luís da Gama Mendonça, que rezou a primeira missa do lugar sob a cruz erguida no alto do morro (Morro da Cruz).

Padre Luís da Gama Mendonça chegou à Paróquia de Santa Luzia em 25 de março, em 1747. Como outros padres que o sucederam, padre Luís da Gama vinha em desobriga a Santo Antônio, montado em lombo de animais, celebrava as missas e fazia batizados.



Pe. Bernardo

No primeiro batizado realizado por ele, em 1749 (em Santa Luzia), a criança teve como madrinha Santa Luzia. E em Santo Antônio, batizou, consagrou, casou e celebrou outros ofícios religiosos.

Nos primórdios da festa de Santo Antônio, vinham romeiros de todas as partes; famílias como a do sr. José da Silva Moreira, antigo dono da fazenda Capão Grosso. José da Silva Moreira, um típico senhor de engenho, tinha muitos escravos e era antigo dono da fazenda Campo Limpo (hoje Cidade Eclética).

Vinha também para a festa, como romeiro, o sr. Benedito Gomes Rabelo, pai de Antônio Gomes da Conceição. Vinham Luís Rodrigues Vidal e família, da fazenda Guariroba; a família dos Lopes Conde, da fazenda Boa Vista.

Muito tempo depois, é que a festa de Santo Antônio foi recolocada na data original (1º a 13 de junho), quando o lugar voltou novamente a ser chamado de Santo Antônio do Descoberto e com a chegada de famílias ao vilarejo.

Em 1939, Felipe Turco, residente em Luziânia, construiu a primeira casa de negócios do vilarejo, mas só negociava durante as festas de Santo Antônio e de Nossa Senhora da Abadia (em setembro). Assim, eram duas festas por ano. As barraquinhas das festas de junho ficavam armadas para a festa de 8 de setembro.

Esta festa de setembro era igual à festa de junho, com festeiro, mordomo do mastro, folião de cipó e tudo o mais.



Caminhões chegando à Rua dos Carreiros



Moças: Bastiana, Antônia, Ana Rosa, Caítana Rita, filhas de Leolino B. Jovino



Os jovens Delci e Delcídes, pioneiros de Santo Antônio do Descoberto



Família Adolfo e Marsonília com os netos



Festa de Santo Antônio - Lateral da igreja
João Vitorino, Izabel Dias de Oliveira, Maria Olegária,
Niceta, Domingos Dias, Antônio de Nazaré Barros

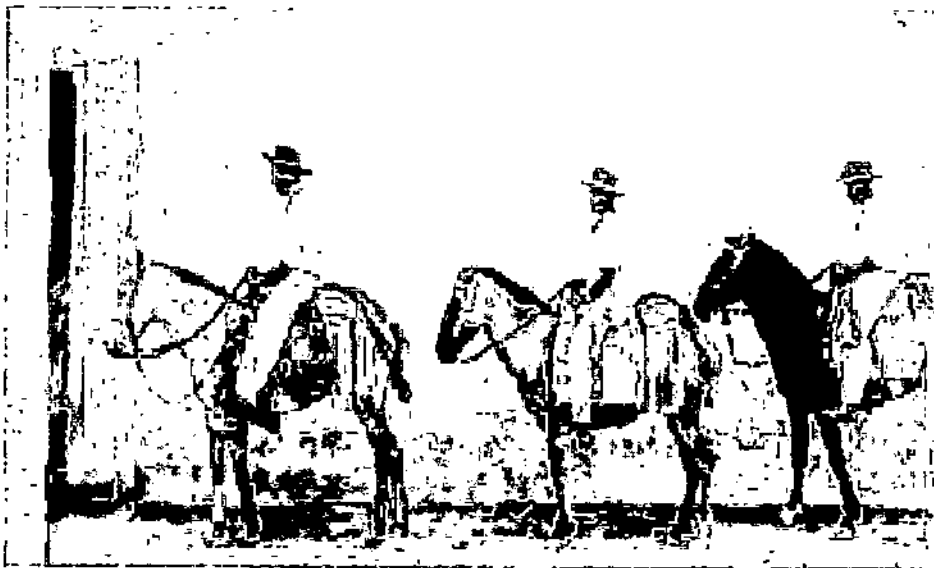
Em 1963, quando Santo Antônio dos Montes Claros virou distrito de Luziânia, a festa de Nossa Senhora da Abadia foi transferida para a igreja nova de Santo Antônio, que passou a se chamar Igreja Nossa Senhora da Abadia. Essa mudança não foi aceita pelos romeiros da época, e a cada ano o número de pessoas foi diminuindo, até a festa acabar. A Igreja de Nossa Senhora da Abadia funcionou até 8 de dezembro de 2001, quando foi inaugurada a matriz de Santo Antônio.

Entre os Conde destacava-se Benedito Lopes Conde, que era um dos maiores violeiros da região. Fazia saudação à bandeira. Era o guia da folia.

Os rezadores de ladainhas eram João Dias e José Gomes, o regente Antônio Pereira, da fazenda Antinha. A função de alferes da bandeira ficava a cargo de Antônio Alves Ferreira e Jacinto Alves Ferreira.



Antônio Lopes Conde, filho de Benedito Lopes Conde



Foliões: João da Rosa, Zidoro, Domingo



Giro dos foliões na Fazenda Lagoa. No primeiro plano, o guia Benedito Lopes Conde



Folia de Santo Antônio a caminho da entrega - 1960

A folia de Santo Antônio durava 12 dias de giro pela região, ou seja, nas fazendas. Cantando bendito em louvor ao santo, a folia era composta de um guia, alferes da bandeira, de um regente, rezadores e dois ou três tocadores de viola, dois tocadores de caixa e assim por diante. Presença também de José Gomes Abadia e de Teotônio Urany e de Modesto Camelo Mendonça, da fazenda Ponte Alta. Todo esse pessoal vinha de carros de bois. Outros em lombo de animais, trazendo todo tipo de alimento suficiente para o período da festa.



Família de Teotônio Urany (sentado): Inácio, Sidalina, Nico e Goldênci

Chegando ao local, armavam suas barracas de palha em torno da igreja de Santo Antônio, nas imediações do Rio Descoberto e ao longo da Rua dos Carreiros, descendo em direção à antiga ponte de madeira.

O rio, na época, era uma atração para o povo do lugar e para os romeiros, com as suas águas limpas como um cristal. O pessoal bebia da água e tomava banho. Era uma riqueza, pois quem se banhava no Rio Descoberto jamais poderia esquecer. Que saudades!

Os romeiros encontravam-se nas imediações da igrejinha de Santo Antônio, ao longo dos 12 dias de festa. Os residentes mais distantes chegavam faltando três dias para o término. Às 5 horas da manhã dos dias 10, 11 e 12, havia a procissão da penitência, acompanhada pelas pessoas do lugar e romeiros, percorrendo a Rua dos Carreiros, hoje São Judas Tadeu, Rua 3, e passando pelas imediações de onde hoje é a Vila Paraíso.

Antes do início da procissão era promovida a alvorada com toques de sinos e estalar de fogos, como girândola, ronqueira e canhão morteiro de um tiro. Todo o povo participava e vibrava!

Existia uma forte união entre as famílias, um bom relacionamento entre pais e filhos. Todos costumavam se sentar à mesa para a refeição. As missas, celebradas em latim pelo padre Bernardo, eram um espetáculo de beleza e harmonia.

Celebrava-se sempre pela manhã e a noite ficava reservada para a novena, com ladainha e exposição do Santíssimo Sacramento. O povo não entendia a missa em latim, mas gostava, devido à beleza do coral, afinadíssimo, composto por cantoras que vinham de Santa Luzia (hoje, Luziânia), sempre a cavalo.



Cantoras (da esquerda para a direita): Beneditinha de Salú, Corumbaci, Geralda, Jovínia, Inês, Júlia, Vicentina e Marica

Cantores: Daniel, Zé Adriano, Laudimiro, Osvaldo, Temístocles

As cantoras do coral eram Beneditinha de Salu, Corumbaci, Geralda, Jovínia, Inês, Júlia, Vicentina e Marica (esta última faleceu em 2002, em Luziânia, com mais de 90 anos).

Os homens que faziam a cantoria da folia: Temístocles, Zé Adriano Matos, Osvaldo, Laudimiro, Daniel, José Ivan, Antônio e Lauderino.

As palhas das barracas vinham transportadas das fazendas Coqueiro, Capoeirinha, Lagoa, Antinha, Boa Vista, sob a responsabilidade dos carreiros Inácio Urany, Antônio Alves, José Ferreira e Antônio Nenê.



Políticos nas festas de Santo Antônio



Políticos atuais nas festas de Santo Antônio

As festas de Santo Antônio sempre tiveram cunho político, como atualmente: o festeiro é um político. Os políticos da época eram Oscar Brás de Queiroz, Meirelles, Lucena Roriz, família Machado de Araújo, sempre procedentes de Santa Luzia. Estes festeiros eram recebidos pelos fazendeiros do lugar, como Jacinto Alves Ferreira e outros.

Comércio

Não se vendia nada nas barraquinhas, ao contrário de hoje. Era tudo gratuito na festa. O festeiro oferecia comida e bebida à vontade nos últimos três dias da festa, 11, 12 e 13. Nas barracas dos devotos, as famílias e amigos eram bem recebidos. Se era de manhã, café completo. Se meio dia, almoço. À noite, janta.

As pessoas daquela época eram bem acolhedoras. Gostavam que seu compadre ou comadre participasse junto nas refeições. E se fosse para outra barraca já era motivo para indiferenças, pois naquela época, não se podia faltar ao primeiro convite. Se assim acontecesse não se cumprimentaria o faltante por muito tempo.

Comidas típicas

Arroz com pequi, leitão assado no forno de barro, frango caipira, tutu de feijão, feijão tropeiro, galinha com arroz e garroba. Bebidas: licor de jenipapo, de jabuticaba, cachaça de alambique. Sobremesa de doce de fruta cristalizada, doce de leite da fazenda, de mamão, de goiaba, de casca de laranja.

Música

Moda de viola caipira e catira.



Os catireiros Jacinto Alves Ferreira e Antônio Alves Ferreira

Trajes da época



Daniel, Antoninho, Zeca Telvino e José da Costa
- 1958

Não se permitia nem aos homens nem às mulheres o uso de trajes curtos. As mulheres vestiam saia comprida e blusas com mangas. Os homens, chapéu, paletó, calça de algodão tecida nas fazendas, gravata, botinas e garrucha na cintura, que era de praxe. Quem se vestisse diferente não era considerado como pessoa do meio. Beijar era um escândalo. A moça não poderia ficar a sós com um rapaz, porque ficava malvista. Era sempre vigiada pelos criados do coronel ou pelos irmãos. No casamento, o pai da moça era quem escolhia o noivo para a filha, e assim viviam juntos até a morte. Não se via falar em desquite ou separação. O homem ou a mulher desquitados não iam à casa de família.

Roteiro de chegada ao vilarejo

As cavalhadas e carros de bois vinham das fazendas, passando pela única rua, a dos Carreiros. Era uma movimentação de animais, de foliões que se estendia à véspera da festa. Hoje, tudo está diferente. Mudou muito. A folia de Santo Antônio só no dia 12, na cidade. Antigamente, havia o giro denominado folia de cipó, havia novenas, ladainhas e bênção do Santíssimo Sacramento, à noite. Hoje, só é celebrada missa fora da igreja.

Como hoje, dia 13, a missa de Santo Antônio. E dia 14, a missa dos romeiros, para o retorno. Ao término as funções religiosas, os romeiros arriavam os seus cavalos e arrumavam os carros de boi para a volta. Deixavam para trás o vilarejo e sua rotina silenciosa.



Casamento de Caitana Urany e Olavo, filho de José Roxo, vaqueiro do coronel Modesto Camelo Mendonça



Cavalcada de 1996: Weslian Roriz, Joaquim Roriz, Gilson Roriz, Domingos de Zacarias, Sebastião e João Dias



Fogueira tradicional nas Festas de Santo Antônio, nas noites de 12 de junho.



Coreto lateral à igreja de Santo Antônio, onde são celebradas as missas campais das festas.

Os milagres

Milagre I – Ao longo da história, os mais antigos diziam que Santo Antônio operou muitos milagres. Um deles foi o fenômeno do pé de angico, quando aparece aos escravos a imagem de um santo. Quando o garimpo veio à decadência, os homens de Antônio Lisboa foram para outros garimpos, provavelmente de volta a Santa Luzia, levando consigo a imagem de Santo Antônio. Puseram a imagem no altar da igreja de Santa Luzia.

Quando foram à igreja no dia seguinte, o santo não estava lá. Procuraram por todas as partes e não o encontraram. E assim foi por muitos dias. Só faltava procurar em Santo Antônio dos Montes Claros. Ao chegarem aqui o santo estava no mesmo lugar. E assim levaram novamente, por três vezes, e o santo voltava. Para tirar a prova, uma senhora que passava por uma estrada velha dos carreiros e tropeiros que dava acesso a Santo Antônio viu o rastro de uma criança. Essa pessoa mediu o tamanho do pezinho e, para a surpresa dela, a medida encaixou certinho no pé da imagem de Santo Antônio. Essa história era contada até o início dos anos 70 aqui no lugar.

Milagre II – Em 1887, Domingo Manoel da Costa tinha apenas oito meses de nascido. Seus pais, Maria Sebastiana Magalhães e Francisco Manoel da Costa, eram escravos da fazenda Olhos d'Água (hoje município de Alexânia). Temiam que o seu filho viesse a ser escravo, quando crescesse. E ambos fizeram promessa a Santo Antônio.

Maria Sebastiana, 50 anos, e Francisco Manoel, 65 anos, garimpavam ouro em Olhos d'Água, nas margens do Córrego do Ouro, por muito tempo. Com a morte de Sebastiana e Francisco, o seu filho continuou em Olhos d'Água, vindo todos os anos para a festa de Santo Antônio do Descoberto.

Ainda criança, vinha de carro de bois, e assim até aos 79 anos de idade. Essa história ele contou quando Carlos Carvalho da Mata esteve por lá em trabalho de pesquisa.

Maria Sebastiana e Francisco Manoel fizeram os votos por intercessão de Santo Antônio, na festa de 1887, para que a Princesa Isabel declarasse extinta a escravidão no Brasil.

O milagre aconteceu. Os escravos Maria Sebastiana e Francisco Manoel alcançaram essa graça, pois a 13 de maio de 1888 era extinta a escravidão no Brasil. Em agradecimento, deixaram o nome de Princesa Isabel à Praça de Santo Antônio.

Em Olhos d'Água os ex-escravos construíram uma capela e a dedicaram a Santo Antônio de Olhos d'Água. Portanto, mais um milagre de Santo Antônio. Maria Sebastiana viveu 110 anos e Francisco 92 anos.

Milagre III – Na década de 40, quando o furor da Segunda Guerra Mundial assolava a Europa e grande parte do mundo, não havia nenhum padre nessa região, para celebrar as festas de Santo Antônio.

Então, fervorosas preces foram feitas ao santo pelos devotos do lugar, para que Deus enviasse um padre para residir em Santa Luzia e pelo término do grande conflito mundial, que apavorava todos os santo-antonienses e luzianenses.

As súplicas foram ouvidas. Quando as Forças Expedicionárias Brasileiras desembarcavam em Nápoles, a 16 de junho de 1940, padre Bernardo Stockler desembarcava em Luziânia, para ser o pároco do lugar.



Imagem de Santo António originária de Portugal, esculpida em madeira no século XVIII

Origens históricas da Paróquia de Santa Luzia

Padres que marcaram a história de Santa Luzia e que passaram por Santo Antônio do Descoberto em suas desobrigas por ocasião das festas do padroeiro.

O primeiro vigário da Paróquia de Santa Luzia foi o padre Luís da Gama Mendonça, em 1747. Depois, vieram padre Joaquim Mendonça, padre Domingos Rodrigues de Carvalho, padre Jerônimo Moreira de Carvalho. Este, auxiliado por 400 negros, construiu a igreja de Nossa Senhora do Rosário, em Santa Luzia, em 1746.

Padre Delfino Machado de Farias foi o segundo tesoureiro da paróquia. Foi ele que assinou o registro paroquial das terras do glorioso Santo Antônio dos Montes Claros, terras essas doadas pelo alferes Agostinho Lopes Conde, cujo registro paroquial é de 1858.

História contemporânea da Paróquia de Santo Antônio



Pe. Jacó

José.

Primeiro cartório do Registro Civil: início de funcionamento em 1971. Oficial: Geraldo

Primeiro livro, de registro e o primeiro registro de nascimento lavrado em 27 de novembro de 1971: Geni Pinto Camargo, nascida em 1º de novembro de 1971. Pai: Florisbelo Pinto Camargo. Mãe: Joana da Silva Camargo.

O segundo livro, de óbito lavrado aos 5 de abril de 1972: Geracina Oliveira do Prado, falecida em 6 de dezembro de 1968.

Terceiro livro, de casamento, lavrado em 27 de agosto de 1972: Alijosefe Almad Fares e Marlice Rodrigues Silva casaram-se em 21 de agosto de 1972, sendo o primeiro casamento.

A capela de Santo Antônio do Descoberto foi elevada à condição de paróquia em 1961, pelo arcebispo de Goiânia, dom Fernando Gomes dos Santos. Passou a pertencer à diocese de Anápolis em 1966, tendo como primeiro bispo dom Epaminondas José de Araújo. Com a transferência deste para Palmeira dos Índios, Alagoas, tomou posse dom Manoel Pestana, em 1989.

A paróquia passou para a nova diocese de Luziânia, cujo bispo é dom Agostinho.

O primeiro casamento celebrado na Paróquia de Santo Antônio do Descoberto foi o de José da Silva e Adelina Pereira da Costa.

Primeiro batizado: Roberto Teixeira, nascido a 5 de fevereiro de 1961, filho de Joaquim de Santana e Floriana da Cunha Santos.

Trabalharam na paróquia, na condição de vigários, os padres: Carmelo, Araújo, Marcelo, Gregoriano, Catão, Getúlio e José Maria. O primeiro pároco foi o padre Jacó Leôncio Lopes, que permanece na paróquia.

Quarto livro, de casamento religioso. Em 8 de abril de 1983, casaram-se Jorge Lair de Souza Turque e Kátia Maria Vieira Godinho.

Em 1973, assumiu o Sr. Nilzon Periquito de Lima. Em 1989, assumiu o sr. José Eduardo Vasconcelos do Couto. Primeiro juiz de paz: Geraldo Modesto Marcelino; e o segundo juiz de paz foi Antônio Ferreira da Silva.

Sistema de água

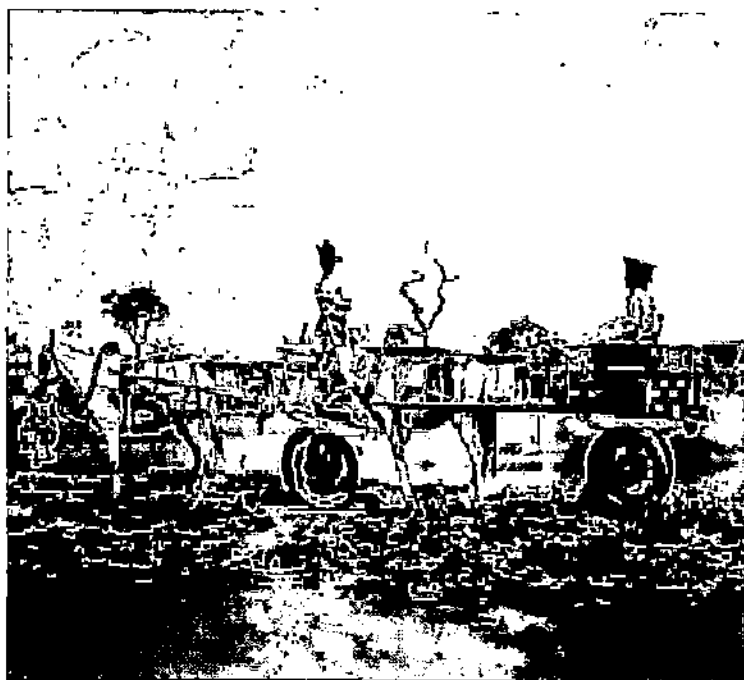
Início do século XX – As botadeiras d'água – A água era carregada do rio em cabaças e em potes, pelas senhoras Maria Ribeiro de Andrade, Mariana Rodrigues, Maria Rodrigues, Antônia Rodrigues, Maria das Dores, Maricota, esposa de João Pedro Alves Diniz, Maria Dias, sogra de Santino, e outras.

Depois de encher os potes, elas faziam rodilha de pano e colocavam sobre a cabeça e assim era a rotina. Na ocasião de festas, elas cobravam uma pequena quantia em réis para levar água para terceiros, nas barracas de festas.

Nessa época, a água do Rio Descoberto era limpa como cristal, grandes pés de ingá tanto do lado esquerdo quanto direito. Seus galhos flutuavam sobre as águas, onde as crianças tomavam banho e seguravam nos próprios galhos, brincando umas com as outras. Era um verdadeiro paraíso.

Tempos depois, foram abertas cisternas, mas o povo não gostava da água, por ter um gosto salobro. Por isso, usava mais a água do rio ou da fonte denominada água santa, que era logo ali após a ponte, a poucos metros, próxima ao Córrego Samambaia.

Década de 1970 – Por volta de 1977 a 1978, ainda existia uma nascente na Baixada Fluminense, que é hoje o Conjunto Habitacional Conceição Gomes Rabelo. Esta mina nascia logo ali nos morros próximos ao setor.



Carroceiros entregadores de água em domicílio - 1978

Os carroceiros carregavam água desta mina em tambores e entregavam em domicílio. Os carroceiros da época eram José Nogueira (pai de Fernando da Priscila Tecidos), Macário, Dório da Baixada, Paulinho, filho de Adonel; os filhos de José Quirino (Pedro Alves da Costa Correia e Paulo da Costa Correia).

Ainda na década de 70, foram construídos onze chafarizes, de onde o povo carregava água. Formavam-se assim grandes filas de moças, senhoras e jovens. Os chafarizes eram construídos nas praças, sendo um na Praça Princesa Isabel, ao lado da igreja matriz de Santo Antônio (Setor Tradicional), dois na praça da Prefeitura, onde hoje está o Centro Integrado. Mais dois na Praça da Bíblia, ao longo da Av. Rio Grande do Norte, Baixada, e outros dois ao lado da igreja Nossa Senhora da Abadia.

Primeira caixa d'água – Construída por Sebastião da Caixa d'Água. Ainda na década de 70, foi feita a captação da água do Córrego Capoeirinha, sem poluição. O motor que bombeava a água ficava no local onde, hoje, é a Vila Cortes. E a caixa d'água ficava no local onde é, hoje, a Secretaria de Educação, ao lado da Igreja Redonda.

A primeira estação de tratamento de água de Santo Antônio do Descoberto foi em 1979, pelo engenheiro Jales José de Moraes da SVOT. Administração local: Osvaldo Mendes Soares. Engenheiro da obra: Adalcino Rodrigues Pereira. Administração: Walter José Rodrigues, prefeito de Luziânia (1978 a 1982).

Ampliação do sistema de abastecimento de água de Santo Antônio do Descoberto: novembro de 2001. Governo Marconi Ferreira Perillo. Secretário do Meio Ambiente e dos Recursos Hídricos e da Habitação: vice-governador Alcides Rodrigues Filho. Diretor-presidente da Saneamento de Goiás S.A. (Saneago): Geraldo Félix de Souza.

Etapas da captação e tratamento:

1. A captação é feita do Rio Descoberto, com motor de 170 cavalos, a aproximadamente meio quilômetro.

2. Já na Estação de Tratamento de Água (ETA), recebe o sulfato e ácido sulfúrico.

3. A água cai no tanque, onde acontece a floculação.

4. A água cai na decantação, ou descanso.

5. Depois, a filtração.

6. No tanque de cloração (colocação de cloro) é eliminado todo o processo de bactérias.

O cloro é líquido como gás armazenado no cilindro.

7. A água vai para a distribuição.

8. A água volta para o reservatório, depois de enchidas todas as caixas de água da cidade.

9. Plantão: de 15 em 15 minutos, o funcionário supervisiona a água.

Produtos químicos utilizados: sulfato, flúor (0,7g). O efeito branco que dá na água é da cal química. Essa pesquisa foi feita em 1º de novembro de 2002, com autorização do chefe do escritório local da Saneago, Albedes Gomes. As informações foram fornecidas pelo funcionário Cláudio.

Arraial de Santo Antônio do Descoberto *De povoado a cidade*



Vilarejo de Santo Antônio – Festeiros saindo após a Missa, para ranchão - 1950

O povoado de Santo Antônio do Descoberto, erguido nas terras doadas por Agostinho Lopes Conde, tornou-se distrito de Luziânia pela Lei Municipal nº 493, de 20 de dezembro de 1963. A emancipação, em 1982, foi precedida de um grande crescimento populacional.

Aconteceu que surgiu uma invasão na região da fazenda Buriti-Tição, que ficou conhecida como invasão da Samambaia. Na época, não existiam assentamentos, como hoje. O governo do Distrito Federal (GDF), chefiado por Hélio Prates da Silveira, precisava erradicar a invasão, mas isso poderia gerar um confronto entre a polícia e o povo.

Antônio Teixeira Rodrigues – influência política e voluntária

Em junho de 1973, Antônio Teixeira foi interlocutor do governo do Distrito Federal e da Mitra Diocesana de Anápolis, representada pelo vigário-geral, padre João e pelo procurador imobiliário da Mitra, padre Gregoriano.

O governador do Distrito Federal, Hélio Prates da Silveira, deparou-se com a invasão de Samambaia, próxima a Santo Antônio do Descoberto e ameaçou removê-la à força.

Para evitar um confronto violento, o governo do DF solicitou Antônio Teixeira, já que ele era uma pessoa influente com capacidade de liderança e persuasão, a convencer a Mitra Diocesana de Anápolis a lotear as terras do arraial de Santo Antônio por um preço acessível, já que os invasores estavam dispostos a comprar.

Antônio Teixeira teve sucesso na empreitada, pois o procurador imobiliário da Mitra de Anápolis, padre Gregoriano, percebeu a oportunidade lucrativa, dividiu o terreno em mil lotes, cada um a três mil cruzeiros, podendo ser adquirido à vista ou em 25 parcelas de 120 cruzeiros.

A demanda foi tanta, que o padre Gregoriano ficou empolgado e resolveu aumentar o preço do lote para quatro mil cruzeiros. Uma nova negociação foi intermediada por Antônio Teixeira, que convenceu aquele padre a baixar o preço da mensalidade para 80 cruzeiros. Assim, não seriam 25 prestações como antes, mas 50 prestações. A Mitra acabou abrindo novas ruas e vendendo novos lotes, até esgotar toda a fazenda doada por Agostinho Lopes Conde. Os bairros Montes Claros, Jardim de Alá, Parque XII, Parque Santo Antônio e outros vieram depois.

Devido ao fluxo populacional, foi criada a primeira sala de aula provisória, sob a responsabilidade da professora Dina América.

Em 15 de outubro de 1974, iniciaram-se o patrolamento e a abertura de ruas, dividindo as primeiras quadras, dando início à urbanização, que resultou na Santo Antônio do Descoberto de hoje, povoada por brasileiros humildes, mas guerreiros, originários de quase todos os estados, que dão à cidade de hoje uma riqueza cultural ímpar, de variados sotaques, crenças, comidas, folclore.

1975 – Já havia 4 salas de aula.

- Construção das escolas rurais nas fazendas: Lagoa, Barreiro e Água Fria.
- Construção da 1ª cadeia, onde é hoje a casa de Virgílinho (à esquerda da igreja de Santo Antônio).

- O primeiro delegado foi o sr. Hélio Rodrigues de Queiroz, conhecido como “Vivico”, que teve como auxiliar, o sargento Martins.

Em 12 de outubro de 1975, foi inaugurado o posto dos Correios.

19 de dezembro, ligação sem inauguração da energia elétrica de Santo Antônio do Descoberto.

1976 – Inauguração do posto telefônico, tendo como primeiro funcionário, Antônio Maria Pereira.

- Implantação do Mobral, primeira professora: D. Euniz Vieira.

1977 – 2 de fevereiro de 1977 – Antônio Teixeira e Abdon Elias tomam posse com os primeiros vereadores do distrito de Santo Antônio do Descoberto. Só existiam 2 partidos: PDS e PMDB. Antônio Teixeira (PDS), tinha o apoio dos governos estadual e federal. Abdon Elias (MDB), tinha o apoio isolado do prefeito de Luziânia, Walter José Rodrigues (1978-1982).

Teixeira conseguiu passe livre para os estudantes através da empresa Transbrásilia e, logo após, conseguiu o primeiro ônibus especial para o transporte estudantil.

1978 – janeiro - Osvaldo Mendes Soares tomou posse como primeiro administrador do distrito de Santo Antônio do Descoberto, nomeado pelo então prefeito Walter José Rodrigues. A partir de então, o trio: “Osvaldo Mendes, Abdon Elias e Antônio Teixeira” comanda o cenário político de Santo Antônio do Descoberto.

Primeiro Administrador do Distrito de Santo Antônio do Descoberto



Osvaldo Mendes – 1º Administrador do Distrito de Santo Antônio do Descoberto

1979

Benfeitorias:

- Construção de 11 chafarizes.
- Construção da barragem para captação de água do Rio Descoberto, pela fundação SESP - Ministério da Saúde
- Construção do Colégio Estadual José de Assis, no governo de Ari Valadão.
- Construção da delegacia de polícia.
- Ampliação e inauguração do Cemitério Municipal.
- Formalização do projeto de emancipação, previsto para 1980.
- Construção do posto telefônico na parte da quadra onde hoje se encontra a Câmara Municipal. Em 1983, o primeiro prefeito Abdon Elias retirou o posto e instalou no imóvel a sede da Prefeitura. O prédio, já em estado precário, foi demolido na gestão do prefeito Getúlio de Alencar.

Foi aprovada emenda à Constituição, prorrogando por dois anos os mandatos de prefeitos e vereadores. O mandato inicial que era de 1983 a 1986, foi estendido para 1983 a 1988. A prorrogação de mandatos teria o objetivo de evitar a coincidência de eleições municipais com as estaduais. Essa alteração fez com que o primeiro prefeito e os primeiros vereadores do município de Santo Antônio do Descoberto tivessem um mandato de seis anos e não quatro, como seria o normal.

Início do processo de emancipação

Foram colhidas por Antônio Teixeira Rodrigues 200 assinaturas de eleitores de Santo Antônio do Descoberto, pedindo a emancipação política. A emancipação foi prometida, em 1974, pelo deputado estadual Sérgio Caiado (Arena).

Os candidatos a deputado estadual Gilson Machado (PDS), apoiado por Teixeira, e Joaquim Roriz (MDB), apoiado por Abdon Elias, comprometeram-se em ajudar no processo de emancipação, tornando Santo Antônio do Descoberto independente de Luziânia.



DATA DA ENTRADA: 27.05.81 TRAFICANTE: 1 901 Nº DO PROCESSO: 159/79

Interessado: GILSON MACHADO

Assunto: Requer a criação de novo Município de Santo Antônio das Montanhas Claras.

LOCALIDADE: Estância DATA DO PAPEL: 27.05.81

CLASSIFICAÇÃO DO ASSUNTO: Reconstituição EMPLACAMENTO: []

ANDAMENTO

SECCOES	DATA		Dia do Faturamento	Matrícula de Funcionário	OBSERVAÇÕES
	Entrada	Saída			
D. Legislativa	27.05.81			M. Machado	
D. Adm. Judiciária	27/5/81			off. Caiado	
D. Fiscal	28/04/82			off. Caiado	
Protocolo	21.05.81			off. Caiado	
D. Op. e M. A.	28.05.82			off. Caiado	
Arquivo	11-02-82			off. Caiado	
					Lei nº 9.167 de 14/05/82
					D.O. 14/05/82

ESTADO DE GOIÁS
Assembleia Legislativa de Goiás

Atesto a autenticidade deste documento e qual foi extraído do original.

Goiânia, 23/04/82

Abdon Elias
Diretor de Protocolo e Arquivo

Reconstituição do Projeto de emancipação (1 página do documento)

Emancipação de Santo Antônio do Descoberto

14 de maio é a data comemorativa do aniversário da emancipação de Santo Antônio do Descoberto.

Nessa data, em 1982, foi publicada no Diário Oficial do estado a Lei nº 9.167, dispondo sobre a transformação em município do então distrito de Santo Antônio do Descoberto, com desmembramento de Luziânia.

Aquela lei estabeleceu que o município de Santo Antônio do Descoberto faz fronteiras com Alexânia, Luziânia, Distrito Federal e Padre Bernardo e que o município fosse instalado com a posse do prefeito, vice-prefeito e dos sete vereadores. A lei fixou, também, que o novo município fizesse parte da comarca de Luziânia.

Comarca

A comarca de Santo Antônio do Descoberto, criada pela Lei nº 13.243/98, veio a ser instalada em 14 de maio de 1998, nas comemorações do 16º aniversário de emancipação.

Nas eleições municipais e estaduais de 15 de novembro de 1982, foram eleitos também o primeiro prefeito e a primeira Câmara Municipal de Santo Antônio do Descoberto, que governou de 1983 a 1988.

A partir daí, o processo ficou parado, até que, em 27 de maio de 1981, Gilson Machado requereu ao plenário da Assembléia Legislativa sua reconstituição. Aprovado, o requerimento foi remetido ao primeiro secretário da Mesa Diretora, deputado Jamil Miguel. Em seguida, o processo tramitou na Comissão de Divisão Administrativa e Judiciária, a partir de onde teve andamento, para se chegar à emancipação.

Atendendo a um ofício, a Secretaria de Fazenda do estado remeteu à Comissão informações relativas à arrecadação de impostos no distrito de Santo Antônio do Descoberto, em 1979.

Os números eram os seguintes:

-Cr\$ 99.489,10 de Imposto Transmissão de Bens Imóveis (ITBI).

-Cr\$ 13.144.693,25 do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM).

As providências continuaram. Em 19 de outubro de 1981, o deputado Clarismar Fernandes, presidente da Comissão de Divisão Administrativa e Judiciária, enviou outro ofício ao delegado em Goiás, da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) pedindo informações sobre o número de casas na sede do distrito e o da população residente. Na época, tramitavam na Assembléia Legislativa 12 processos de emancipação de distritos, além do de Santo Antônio do Descoberto.

Datas selecionadas

10 de abril de 1979 – Antônio Teixeira Rodrigues entrega ao deputado estadual Gilson Machado um documento com 220 assinaturas pedindo para que o distrito de Santo Antônio do Descoberto fosse elevado à categoria de Município.

17 de abril de 1979 – O deputado Gilson Machado, por meio do projeto nº 469/79, que apresentou ao plenário da Assembléia Legislativa, requer a criação do município de Santo Antônio dos Montes Claros.

12 de maio de 1980 – Data em os eleitores do distrito de Santo Antônio do Descoberto votaram pela emancipação, em plebiscito presidido pelo juiz da 19ª Zona Eleitoral de Luziânia, Domingos Gomes de Almeida. A apuração aconteceu na sala de audiências do Fórum, e o resultado foi o seguinte: Dos 4.141 eleitores do distrito, apenas 1.819 compareceram às urnas, sendo que destes 1.666 votaram SIM; 88 votaram NÃO; 28 votaram NULO, e 35 em BRANCO.

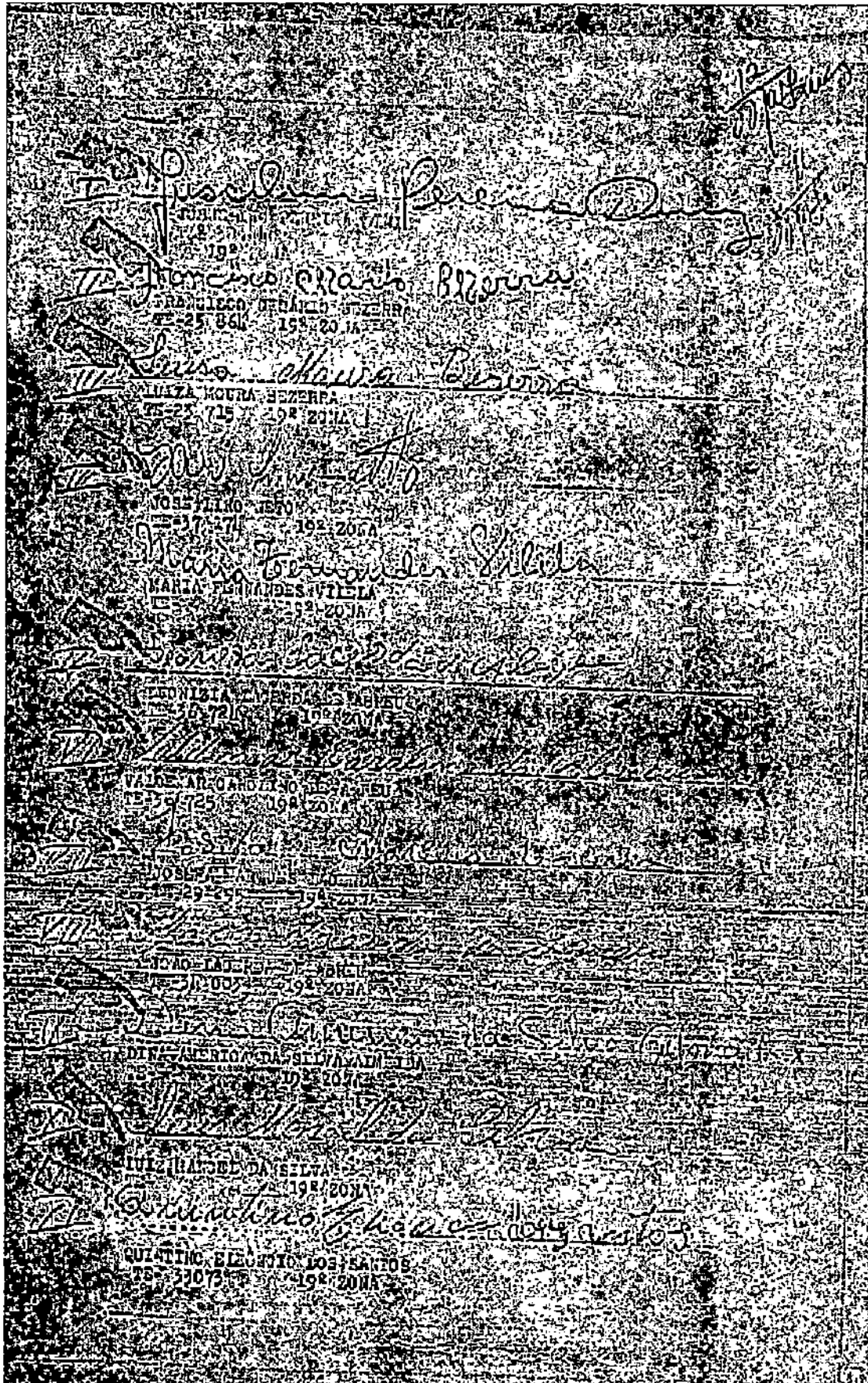
27 de maio de 1981 – O deputado Gilson Machado requer ao plenário da Assembléia Legislativa a reconstituição do processo nº 469/79, pois havia um ano que estava parado, apesar de já realizado o plebiscito. O processo foi reativado, e começou a tramitar pela Comissão de Divisão Territorial e Judiciária, quando se decidiu em mudar o nome do novo município. Em vez de “dos Montes Claros” passou a ser “do Descoberto”.

14 de maio de 1982 – Publicada a lei 9.167/82, no Diário Oficial do estado, criando o município de Santo Antônio do Descoberto.

Documento descritivo do município

Documento entregue pelas lideranças locais ao deputado estadual Gilson Machado. A descrição acompanhou o abaixo-assinado pedindo a emancipação:

"Informo a quem de direito que dentro destes limites, encontram-se 56 fazendas distintas umas das outras, tem ainda dentro destas aproximadamente 20 propriedades em cada, também distintas umas das outras, temos aproximadamente 1.120 sítios; contando ainda dentro deste município a cidade de Santo Antônio do Descoberto; dentro do setor urbano conta-se com aproximadamente 15.000 habitantes, quem pode confirmar este número é a imobiliária responsável pelo loteamento de Santo Antônio do Descoberto, através do seu jornal informativo, sobre nossa cidade; temos ainda em nossa cidade uma agência bancária do Bradesco, a representação do Funrural, Cartório do 1º Ofício, Coletoria Estadual, administração municipal do município de Luziânia, Coletoria Municipal, Correios e Telégrafos, posto telefônico, (01) Posto de Saúde, temos (02) duas indústrias regulares, temos delegacia de polícia, temos (02) escolas, sendo uma estadual e outra municipal do 1º grau e (01) ginásio, até a 8ª série, temos a Empresa Santo Antônio, transportando de 4h30 até 20h30, e a Viação Pioneira, que vem até o barranco do rio, divisa da nossa cidade, das 5 horas até as 17 horas. Temos ainda um posto de gasolina. Temos duas farmácias, (01) uma panificadora de alto nível, temos um cinema em acabamento, temos (02) duas Igrejas Católicas, e (06) de outras denominações, (01) um cine-som descoteque, (03) três supermercados bons, temos ainda aproximadamente (90) comércios, incluindo (10) dez açougues, temos ainda o escritório da Celg, temos casas de materiais elétricos, temos (03) três restaurantes, (01) uma churrascaria, temos uma rodoviária, a feira livre aos domingos, bem movimentada, temos também ponto de táxi, contando com (04) quatro táxis, isto somente no setor urbano. Relatando sobre nossas rodovias temos uma rodovia ligando Brasília a Santo Antônio, BR-060, até o Km 13, seguindo à direita pela DF-14 até o Km 10, já sendo Santo Antônio continuação ainda da DF-14, pelo distrito de Santo Antônio do Descoberto até a BR-070, somos servidos ainda pela parte sul do distrito pela BR-060 e por outras estradas comuns interligando as nossas; quanto ao setor rural temos ainda dois (02) lugarejos, Cidade Eclética c/ aproximadamente 100 (cem) residências, c/ Escola de 1º grau, até a 8ª série, posto Médico (hospital-maternidade Sta. Madalena, contando com diversos leitos); temos (01) um orfanato, com aproximadamente (100) crianças internas, um campo de aviação, contando c/ uma farmácia, (01) um hotel (01) uma panificadora (01) Posto Telefônico, Correios e Telégrafos. Total de habitantes, aproximadamente 600 (seiscentos); temos ainda Águas Lindas, local turístico, com aproximadamente umas (50) cinquenta casas com aproximadamente (150) cento e cinquenta habitantes. Temos ainda Fazenda Santa Rosa, com um (01) posto de saúde, e (01) uma escola de 1º grau, contando este lugarejo c/ (50) cinquenta habitantes. Quanto à nossa população rural, o total temos aproximadamente 6.000 (seis mil) habitantes, com aproximadamente (12) doze escolas rurais neste município. Somando a nossa pesquisa estatística em 21.700 habitantes. Temos ainda em nosso município 20.000 (vinte mil) lotes com a valorização entre Cr\$ 30.000,00 e Cr\$ 100.000,00, pagando IPTU, conforme informação do INAI. Temos Cartório Eleitoral e 5.400 eleitores inscritos.



Primeira página da lista de assinantes solicitando a emancipação

Pessoas que compuseram o abaixo assinado pedindo a emancipação - 10/04/1979

Juscelino Pereira Diniz, Francisco Cesário Bezerra, Luísa Moura Bezerra, José Lino Neto, Maria Fernandes Vilela, Deonízia Lacerda de Abreu, Valdemar Carolino de Abreu, Josefa Marques de Lacerda, João Lacerda de Abreu, Dina América da Silva Almeida, Luís Manoel da Silva, Quintino Eleôncio dos Santos, Raimunda Gontijo Ramos, Raimundo José Viana, Sebastião Pereira Macedo, Joana Pereira de Macedo, Teobaldo Oliveira Leite, Espedito Rodrigues de Oliveira, Vany de Souza Oliveira, Francisco Tomaz de Souza, Márcia Maria de Souza Silva, Silene Alessi Rodrigues, Juraci Alessi Rodrigues, Cirlene Antônia Borges, Nelson Pedro da Silva, João Ferreira Lisboa, Sebastião Severino da Silva, Anatália Brito, Geracina Ribeiro de Macedo, Benjamim Dias de Amorim, Adeci Ribeiro de Macedo, Carmelita da Silva Cabral, Manoel Moreira da Silva, Mirian de Oliveira, Temístocles Fruteira, José Ferreira dos Santos Filho, Rafael Gomes Rabelo, Diná Maria dos Santos Marcelino, Paulo Marçal de Oliveira, Geminiano Antônio de Souza, Maurício Nery, Mirian de Oliveira Leite, Pedro Barbosa da Silva, José Bernardino dos Santos, Antônio Carlos Oliveira Leite, Josefa Veloso Jácomo, João dos Santos, João Gomes Abadia, Moisés Gomes d'Abadia, José Ferreira dos Santos Filho, Antônio Maria de Souza, Geraldo Ferreira Braga, Onofre Lopes Conde, Sebastião Gomes de Moura, Sebastião de Jesus Souza, Anselmo Rodrigues da Silva, Manoel Rodrigues Mangabeira, Arnou Ferreira de Oliveira, Maria Nunes da Silva, Francisco Justino do Nascimento, José Monteiro de Lima, Iracema de Oliveira Urani, Maria Cecília Borges da Silva, Aduauto Ferreira Sales, Eunice de Oliveira Ferreira, Apolinário Alves dos Santos, Israel Gomes Pereira, Geraldo Pereira de Souza, José da Silva Moreira, Antônio Soares Lima, Vital Cardoso Romeiro, Ivo Donizete de Paula, Joaquim Izidório da Silva, João Miguel Pereira da Silva, Luís de Oliveira, Etelvina Alves da Silva, Edmilson Ferreira da Costa, Francisco Bruno de Siqueira, Maria de Fátima Dantas de Lira, Luís Bezerra dos Santos, Francisco Pereira Alves, Cassiana da Costa Oliveira, Francisco Pereira da Silva, Antônia Barbosa Silva, Luzia Rodrigues de Oliveira, Maria do Carmo Lima, Inácio Farias de Oliveira, Maria Antônia de Souza Lúcio, Felipe Machado de Souza, Maria Lúcia de Souza, Satira Francisca Ferreira, Brasilino Dias Vieira, Pedro de Paulo Bezerra Filho, José Lacerda de Abreu, Maria Alves de Aguiar, Maria Alves Rabelo, Clarice Souza Silva, Geraldo Domingos dos Santos, Antônio Dias Nunes, Antônio Gomes do Nascimento, Zenaide Pereira de Matos, Antônio Soares Bezerra, Valério Fernandes dos Santos, Cesário Quitério Daniel, Ovídia Bezerra Conceição, Maria Mendes Damasceno, Maria Elena Gonçalves de Araújo, Cícero Rodrigues da Silva, Severina Valéria Rodrigues, Francisco Rodrigues Rocha, Francisco Leite Filho, Jacinta Maria Leite, Roberto Francisco de Souza, Maria de Lourdes de Oliveira Souza, Manoel Fagundes Pereira, Joaci Rodrigues dos Santos, Manoel Saturnino, Mariano Amorim Silva, José Argemiro de Oliveira, Antônio José Pereira, Antônia Alves da Silva, Aparecida Maria de Oliveira, Pedro Araújo de Aquino, Benedito Teixeira Chaves, José Rodrigues Chaves, Jaidê Oliveira Leite, Brasileu Rodrigues Mangabeira, Helena Jacinto Silva, Josefa Cezário da Costa, Izaías Marques de Araújo, José Vieira Francelino da Silva, Bazílio Lopes Conde, Joana Ferreira da Silva, Sebastiana da Rocha Santos, Ivonaldo da Silva, Valdivino Batista Ferreira, Maria Pedrolina Pereira, Antônio Nunes de Freitas, Jesmar Martins Barbosa, Oteyde Pereira de Oliveira, José de Souza Neto, Vitorino Alves Costa, Ana Silva dos Santos, Francisca Paulino de Andrade, Milton de Almeida, Virgínia de Souza, Luís Abrão Guerra, Tereza Fayad Guerra, Joviano Cândido Baratinha, Manoel Gomes da Silva, Sebastião Alves da Silva, João Bosco dos Santos, Francisca das Chagas Domingos dos Santos, Lídia Emídio dos Santos, Maria Alves dos Santos, Vilmo Varelo Lopes, Benedito Eurípedes de Oliveira, José Roque da Costa, Ancelmo Cunha de Oliveira, Almerita Sales de Oliveira, Josefa Maria da Silva Filha, Francisco Lima Freire, João Batista da Silva, José Luís França, Maria Madalena de França, Elza de Oliveira Leite, Antônio Ferreira da Silva, Tiolina de Souza Mangabeira, José Delmo Mendes Gonçalves, Maria Fernandes Vilela, Otaviano Dias de Oliveira, Antônio Donizete Rodrigues de Oliveira, Luís Antônio da Silva, Vilma do Carmo Lima, Verenita

Aparecida Rodrigues, Maria Magali dos Santos, Mirtes de Jesus, Maria Ambrósia Jorge, Ercílio Aprígio Dias, Vivaldo Ferreira dos Santos, Aparecida Rodrigues, Maria Magali dos Santos, Mirtes de Jesus, Maria Ambrósia Jorge, Ercílio Aprígio Dias, Vivaldo Ferreira dos Santos, Aparecida Rodrigues, Maria Magali dos Santos, Mirtes de Jesus, Maria Ambrósia Jorge, Ercílio Aprígio Dias, Vivaldo Ferreira dos Santos, João Nilton de Oliveira, Maria Conceição dos Santos Ferreira, Leni Vieira Neves, João Alves Diniz, Adelina Claudina Diniz, Alfeu de Oliveira Chaves, Geraldo Modesto Marcolino, Geraldo José, Jowalte Mendes, Amélia Borges Mendes, Rosalvo Pereira da Silva, Maria do Carmo dos Santos, Manoel Francisco dos Santos, Mário Xavier dos Santos, Irene Maria dos Santos, Otávio Marques dos Santos, Lenin Vieira, Orlando Vieira, Mariano Rodrigues de Souza, Antônio Lopes Veloso, Maria Monteiro Veloso, José Rodrigues da Silva, Guiomar Borges, Terezinha Gomes de Andrade, Maria José de Oliveira Vale, Elizabeth Silva Faria, Odilon Rodrigues Chaves, Aureliano Freire da Silva, Paulo Fagundes Jácome, Leônidas Teodoro de Araújo, João Alves dos Santos, Salvador Gonçalves da Silva, Norval Lopes Conde e outros, cujos nomes não estão legíveis, no documento arquivado na Assembléia Legislativa do estado de Goiás.

Instalação da comarca de Santo Antônio do Descoberto

O presidente do Tribunal de Justiça, desembargador Lafaiete da Silveira, com a presença do governador Naptali Alves, instalou, em 14 de maio de 1998, a comarca de Santo Antônio do Descoberto, de nível inicial, com um juizado especial e outro cível e criminal.

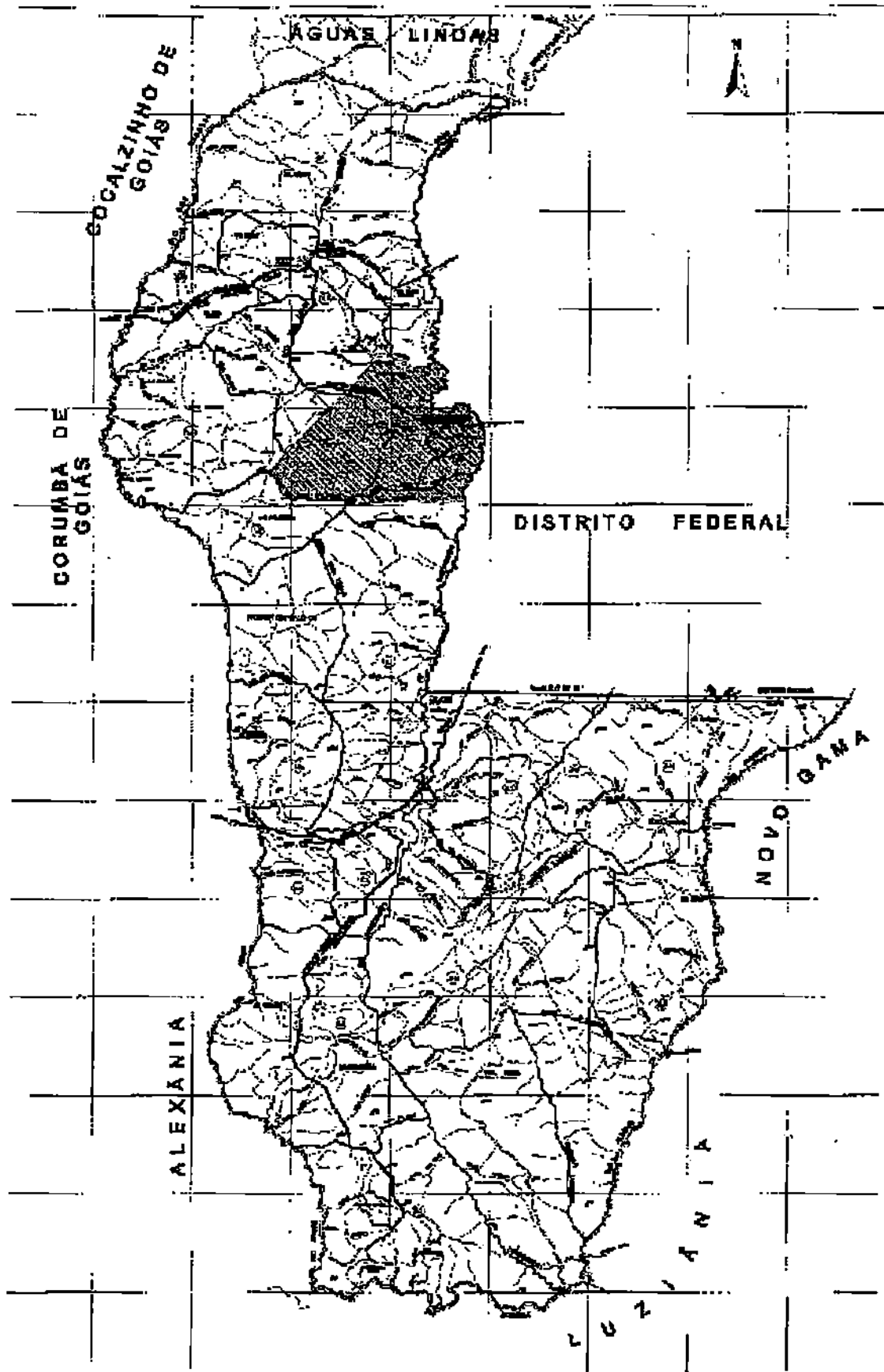
Dois juízes da comarca de Luziânia, Sival Guerra Pires e Célia Maria Camargo, foram designados, pelo Decreto Judiciário nº 596, do presidente do Tribunal de Justiça, para responder temporariamente pela nova comarca. Porém, 12 dias após, estes dois juízes foram dispensados para a vinda do juiz Wilson da Silva Dias, originário da comarca de Quirinópolis.

O procurador-geral do estado, Demóstenes Xavier Torres, nomeou o promotor Spiridon Anifantins Nicofates, de Alexânia, para responder pela nova comarca.

O Fórum foi instalado na Q-50, ao lado da nova Igreja Matriz de Santo Antônio. No térreo, portaria, protocolo, sala do contador, partidador e distribuidor, cartório criminal, cartório cível, cartório de família e sucessões, cartório eleitoral e sala do Tribunal do Júri.

No andar de cima, sala de juízes, sala do promotor, sala de audiências, cartório das Fazendas Públicas, arquivos, sala de espera, cozinha.

Situação geográfica



Mapa do Município

Gestões Administrativas e Principais benfeitorias

1ª Gestão 1983 - 1988



Prefeito Abdon Elias



Vice-Prefeito Juquinha



Solenidade em frente a primeira sede da prefeitura. Prefeito Abdon Elias, Juquinha, Augusta, José Elias, Lobo, Zito, Abel Moreira, Sra. Mendes, Chico Leite e grupo de escoteiros

Em 15 de novembro de 1982, Abdon Elias foi eleito como o primeiro prefeito do município Santo Antônio do Descoberto, tendo como vice-prefeito José Rezende (*Juquinha*).

Primeira Legislatura

Composição da Câmara Municipal - 9 vereadores, com mandato de 6 anos:

- Abel Moreira de Oliveira
- Basílio Pereira de Souza (1º presidente da Câmara - 1983 a 1984)
- José Gomes da Costa (*Zé Lagoa*)
- José Argemiro de Oliveira (*Zé Buriti*)
- Hélio Rodrigues Mangabeira (3º presidente da Câmara - 1987 a 1988)
- Luís de Oliveira (1º vice-presidente da Câmara)
- Manoel Alves Damasceno (*Manoel Dentista*)
- José Elias Azevedo (*Zito*) (segundo presidente da Câmara - 1985 a 1986)
- Amaro Soares da Silva.

Sede provisória da Câmara Municipal: onde atualmente funciona a Escola Municipal de Ensino Fundamental Abdon Elias.

Benfeitorias:

- Construção de escolas do perímetro urbano e rural.
- Construção de pontes.
- Abertura de estradas para o acesso à zona rural.
- Posto médico da Osego.
- Ampliação da rede elétrica.
- Implantado o sistema de tratamento de água.
- Construção do terminal rodoviário no setor central.
- Pavimentação asfáltica.
- Construção do centro comunitário, onde hoje está a 11ª Cia. Independente de Polícia Militar.

Segunda Gestão Administrativa 1989 a 1992



Prefeito Hélio Rodrigues Mangabeira (esquerda), Vice-Prefeito José Correa (centro) e Dona Teolina -mãe de Hélio e 1ª Dama.

Em 1º de janeiro de 1989, Hélio Rodrigues Mangabeira foi empossado como segundo prefeito do município de Santo Antônio do Descoberto, tendo como vice-prefeito José Corrêa Filho.

Segunda Legislatura

Vereadores:

- Basílio Pereira de Souza (quarto presidente da Câmara – 1989 a 1990)
- Luís Manoel da Silva
- João Camelo Ferreira
- Eurico Ecílio Nobre (*Careca*)
- Osório Pereira Braga
- Tito de Souza Lemos
- Ivonaldo da Silva (quinto presidente da Câmara – 1991)
- Francisco Leite
- José Elias de Azevedo (sexto presidente da Câmara – 1992).

Sede provisória: Rua 10, quadra 19, lote 9.

Benfeitorias:

- Construção do Centro Integrado de Educação.
- Construção do Hospital Municipal Dom Luís Fernandes.
- CAIC José Elias Azevedo.
- Asfaltamento das ruas principais e colocação de paralelepípedos na Av. Pio XII.
- Serviço de Assistência Social, sendo secretária Myriam Pelles Ervilha.

Terceira Gestão Administrativa – 1993 a 1996



Prefeito José Elias Lobo (direita) e Vice-Prefeito Antônio Teixeira Rodrigues (esquerda).

Em 1º de janeiro de 1993, José Elias Lobo foi empossado como terceiro prefeito municipal de Santo Antônio do Descoberto, tendo como vice-prefeito Antônio Teixeira Rodrigues.

Terceira Legislatura

Vereadores:

- Ademilton Pereira Félix
- Edson Tomé dos Santos Medeiros
- Idelzuite Ferreira Pontes
- José Elias de Azevedo (*Zito*)
- Jovair Manoel Lourenço (sétimo presidente da Câmara – 1993 a 1994)

- Raimundo Leonardo Bezerra
- Francisco Leite
- Moacir Machado (oitavo presidente da Câmara – 1995)
- Maria do Socorro Gomes Lopes

Obs.: Raimundo Leonardo Bezerra – Presidente de 01/12/1996 a 31/12/1996.
Ademilton Pereira Félix – Presidente de 05/10/1994 a 18/10/1994.

Sede provisória: Quadra 48, lotes 7/8, ao lado dos Correios, posteriormente na Rua 14, quadra 69, lote 18

Benfeitorias:

. No distrito de Águas Lindas:

- Posto de Saúde.
- Colégio Jardim Brasília.
- Posto Policial.

. Na sede do município:

- Pavimentação e iluminação da Avenida Rio Grande do Norte.
- Construção da Praça da Bíblia, com iluminação especial.
- Creche do Colégio Municipal.
- Coreto da Praça Princesa Isabel (ao lado da histórica igreja de Santo Antônio).

Emancipação do distrito de Águas Lindas

Santo Antônio do Descoberto perdeu território e população. Antes e durante a gestão do prefeito José Elias Lobo (*Zé Gago*), registrou-se uma forte expansão populacional da sede do município e no distrito de Águas Lindas.

Nos dois últimos anos da sua gestão, políticos de partidos diferentes assumiram os governos do Distrito Federal e de Goiás.

Zé Gago ficou isolado, o que atrasou as melhorias da sede do município e acelerou o processo de emancipação do distrito de Águas Lindas, que elegeu o primeiro prefeito em outubro de 1996.

Um censo extraordinário realizado pelo IBGE, simultaneamente à campanha eleitoral de 1996, revelou que o novo município de Águas Lindas nascia com 61.478 habitantes, enquanto a sede ficava com apenas 46.194 habitantes.

Quarta Gestão Administrativa – 1997 a 2000



Prefeito Pe. Getúlio de Alencar



Vice-prefeito Bem Neto

Em 1º de janeiro de 1997, padre Getúlio de Alencar foi empossado como quarto prefeito de Santo Antônio do Descoberto, tendo como vice-prefeito Manoel Francisco de Araújo Bem Neto.

Quarta Legislatura

Vereadores:

- Vicente Sadema de Paula Miguel
- Terezinha Tomaz Pires
- Maria Auxiliadora Barros da Silva (*Ester*), (11ª presidente da Câmara – 2000)
- Idelzuíte Ferreira Pontes
- Antônio Gomes da Silva
- Domingos Sávio Rodrigues
- Sergílio Pereira Lima
- Expedito Rocha de Souza (décimo presidente da Câmara – 1999)
- Francisco Leite (nono presidente da Câmara – 1997 a 1998)

Sede provisória: Quadra 62, Lotes 17/18, Loja 3, Centro.

Benfeitorias:

- Construção da Feira Coberta, pelo governo do estado.
- Asfaltamento que liga o Centro aos bairros Queiroz e Parque Santo Antônio, pelo governo do estado.
- Construção de muros das escolas municipais.
- Construção do presídio, para 46 detentos.
- Construção, pelo governo do estado, da rodoviária no Parque Estrela Dalva XII ou Vila Queiroz
- Construção, pelo governo do estado, da Vila Vida, no setor Jardim de Alá.
- Instalação, em 14 de maio de 1998, da comarca de Santo Antônio do Descoberto e a construção do Fórum Desembargador Lafaiete Silveira.
- Construção do conjunto de 102 casinhas do programa “Meu Lote e Minha Casa”, em parceria da Prefeitura, governo do estado e famílias beneficiadas.
- Instalação, em convênio com o município, de um Pólo da Universidade Estadual de Goiás (UEG), para a formação de professores em curso superior de Pedagogia e Letras.
- Conclusão do asfalto da Av. Conceição.
- Criação do Plano Diretor do município de Santo Antônio do Descoberto.

Quinta Gestão Administrativa – 2001 a 2004



Prefeito Moacir Machado e sua esposa Maria Aparecida



Vice-Prefeito Luís Caland e sua esposa Dra. Raquel

Em 1º de janeiro de 2001, Moacir Machado foi empossado como quinto prefeito municipal de Santo Antônio do Descoberto, tendo como vice-prefeito Luís Henrique Lima Caland.

Quinta Legislatura

Vereadores:

- Ademilton Pereira Félix
- Expedito Rocha de Souza
- Jacy Cardoso de Oliveira
- Idelci Lopes dos Reis
- Osni Geraldo Gomes
- Idelzuite Ferreira Pontes
- Maria Auxiliadora Barros da Silva (*Ester*), (11ª presidente da Câmara – 2001)
- David Leite da Silva
- José Donizete Marques
- José Airton Gonçalves de Oliveira (12º presidente da Câmara – 2002)
- Raimundo Leonardo Bezerra
- Geraldo Lacerda Gonçalves (13º presidente da Câmara 2003 – 2004)
- Terezinha Tomaz Pires.

Obs.: Devido à licença simultânea do prefeito Moacir Machado e do vice-prefeito Luís Caland, de 10 de setembro a 9 de outubro de 2002, o presidente da Câmara Municipal, José Airton Gonçalves de Oliveira (*Batata*) assumiu o cargo de prefeito, por 30 dias. O vice-presidente da Câmara Municipal, Osni Geraldo Gomes, ocupou a presidência por igual período.

Benefetorias (de janeiro de 2001 a dezembro de 2002):

- O governo do estado recupera o asfalto, a rede de águas pluviais e implanta uma moderna iluminação pública na Av. Goiás. A Prefeitura, por sua vez, planta palmeiras imperiais nos canteiros e faz a nova urbanização na entrada da cidade na ponte do Rio Descoberto.
- Término da Ponte do Jardim de Alá.
- Consecução de verbas federais, que financiaram o asfaltamento das linhas de transporte urbano, do Beira-Rio ao Jardim de Alá, e do setor Ana Beatriz ao Parque Santo Antônio e o acesso ao Hospital Regional de 100 leitos, em construção.
- Inauguração do reservatório da Saneago, no alto da Vila Queiroz, e extensão de ligações de água às residências.
- Concluída a sede própria da Câmara Municipal, em prédio moderno.
- Construção das sedes próprias da Secretaria Municipal de Educação e da Secretaria Municipal de Saúde.
- Reforma geral do Hospital Municipal.
- Várias pequenas pontes nos bairros e uma ponte maior ligando os setores Beira-Rio I ao Beira-Rio II.
- Construção do Centro de Recuperação João Natal.
- Implantação do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) e do Programa Acelera Goiás, para alunos com defasagem, na rede municipal de ensino.
- Construção de arquibancadas para três mil pessoas no campo de terra Cascalhão.
- Implantação do Programa Saúde da Família (PSF), com 14 postos, nos bairros e no centro e outros programas de saúde, como o Expresso da Saúde.

- O governo do estado constrói o Centro Integrado de Operações Policiais (CIOPS), no Parque XIII.
- Início da construção de hospital de 100 leitos, no Parque XIII, com verbas do orçamento da União.
- Construção da Estação de Tratamento de Esgoto, na zona suburbana da Vila São Luís, bem como extensão de redes.

Famílias tradicionais

Os fazendeiros

A fazenda Boa Vista (antes, fazenda Lagoa) pertenceu ao coronel Flor Ramos de Andrade. Agostinho Lopes Conde comprou parte dessa fazenda e a batizou com o nome Boa Vista. Agostinho Lopes Conde era casado com Matilde Paula da Silva. Tiveram quatro filhos: Pedro, Antônio, Francisca e Rosa.

Pedro Lopes Conde era pai de Leolino Lopes Conde, que era pai de Leolina Pereira de Souza, casada com Geraldo Pereira de Souza.

Com a morte de Agostinho Lopes Conde, a viúva Matilde se casou com Francisco Pereira de Souza. Desse segundo casamento procederam mais quatro filhos: Francisco Pereira de Souza Filho, Felismino, Teolina e Euflosina.

Euflosina se casou com Moisés Gomes Rabelo, natural de Planaltina. Desse casamento nasceu Benedito Gomes Rabelo. Benedito se casou com Mariana Rodrigues Vidal, filha de Luís Rodrigues Vidal. Benedito e Mariana tiveram dois filhos: Antônia e Antônio Gomes da Conceição (mais conhecido como *Tõe Nenen*).



Antônio Gomes da Conceição (Tõe Nenen)

Luís Rodrigues Vidal

Fazendeiro e tropeiro, dono das terras da fazenda Guariroba, que hoje fazem parte do município de Águas Lindas, Taguatinga e Setor O (Ceilândia); construtor da primeira casa de alvenaria de Santo Antônio do Descoberto.

Luís Rodrigues Vidal era casado com Francisca Moreira Romão da Silva. Tiveram dez filhos: Evaristo Rodrigues Vidal, professor Tomé, Agostinho, Pedro, tenente Estêvão, Luís Filho, Paulo, Mariana (mãe de *Tõe Nenen*), Maria Antônia e Antônio.



Filhos de Luís Rodrigues Vidal: Maria, Mariana, Antônia e Tomé; e o genro Benedito Gomes Rabelo (esquerda)

Coronel Modesto Camelo Mendonça



Família Modesto Camelo Mendonça

Proprietário da fazenda Ponte Alta (hoje, Gama,DF) e o segundo a construir uma casa de adobe no povoado, na Rua dos Carreiros, (hoje, São Judas Tadeu).

Modesto Camelo Mendonça era casado com Januária Camelo Mendonça, tiveram quatro filhos: Maria Teresa de Mendonça, Antônia, Benedito e Joaquim.

Maria Teresa de Mendonça se casou com João Elias Abdon (*João Turco*), tiveram três filhos: Nelson, Edson e Edna.

Joaquim Lopes Conde

Sobrinho de Agostinho Lopes Conde; proprietário de terras na fazenda Ponte Alta e construtor da terceira casa de alvenaria no vilarejo de Santo Antônio do Descoberto.

Joaquim Lopes Conde era casado com Marica Lucena Roriz. Tiveram dois filhos: Ivan Lopes Conde e Laudimiro, que migraram para Luziânia.

Marica era irmã de Lucena Roriz, pai do atual governador do Distrito Federal, Joaquim Domingos Roriz.

Coronel Herculano Campos Meireles

Foi proprietário de terras na fazenda Água Fria e construtor da quarta casa do vilarejo de Santo Antônio do Descoberto. Herculano teve uma filha de nome Maria das Dores Meireles. Era de família tradicional de Luziânia, mas passava a maior parte do tempo na fazenda.

A fazenda Água Fria teve como seu último dono Oscar Brás de Queiroz, pai do ex-deputado estadual Délio Brás de Queiroz. Délio Brás loteou a fazenda, originando-se um novo bairro, com o nome Vila Queiroz, em homenagem ao seu pai.

Geraldo Pereira Braga

Era proprietário da fazenda Antinha de Baixo (ou Antinha dos Pretos). Era pai de Paulo Pereira Braga, que era casado com Ana da Silva Moreira.

As famílias Braga e Moreira eram descendentes de escravos. Os Braga trabalhavam no cultivo de marmelo, do qual fabricavam o tradicional doce de marmelada na fazenda Mesquita, em Luziânia.

Paulo e Ana tiveram três filhos: Saturnino Moreira Braga (*Satu*), Olinda e Escolástica.



Saturnino Braga (*Satu*) e Joaquim



Esperidião (neto de Satu)

Satu casou-se com Maria Pereira Braga, com quem teve três filhos: Gonçalo Pereira Braga, Benedita e Maria. Adotaram também um filho (Divino).

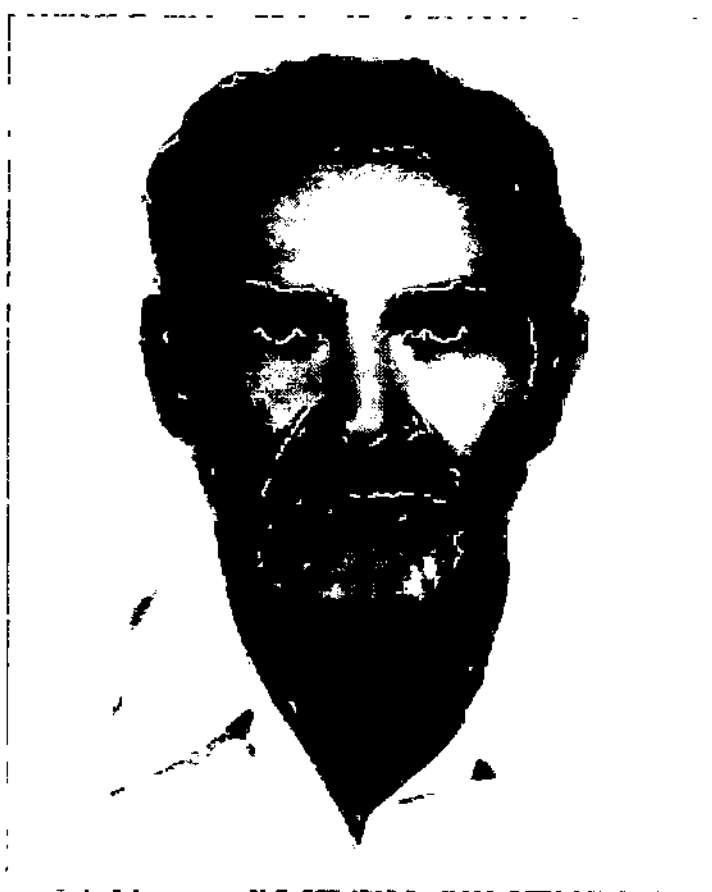
Olinda Moreira Braga era mãe de Espiridião Moreira, Joaquim, Roberta e Antônia.

Luís Alves Rabelo

Era proprietário da fazenda Buriti Tição, dos Alves Rabelo. Era casado com Ernestina Lopes Conde, irmã de Leolina Lopes Conde.

Luís e Ernestina eram pais de Timóteo Alves Rabelo; de Joaquim, casado com dona Luzia; de Limiro, Preta; Rolinha, esposa de Nico Vermelho, e de Luís Alves Rabelo Filho.

Luís Filho se casou com Santina Alves de Araújo. Eram pais de Moacir Alves Rabelo, Dercílio, Maria e José Alves de Abadia.



Luís Alves Rabelo Filho

Antônio Rodrigues Mangabeira

Era proprietário da fazenda São Bento, às margens do Ribeirão Areia, hoje, município de Alexânia. Era casado com Francisca Mangabeira, com quem teve o filho Jason Rodrigues Mangabeira.

Jason casou-se com Jovelina Lopes Mangabeira, com quem teve três filhos: Brasileu Rodrigues Mangabeira, Sebastião e Francisco.

Brasileu se casou com Teolina Souza Mangabeira e tiveram cinco filhos: Hélio Rodrigues Mangabeira (prefeito de Santo Antônio do Descoberto 1989-1992), Keila, Aparecida, Marly e Marisa.

Aparecida casou-se com Jacy Cardoso de Oliveira, eleito vereador em 2000.

Hélio Rodrigues Mangabeira

Nasceu em 12 de abril de 1963, natural de Santo Antônio do Descoberto. Aos 19 anos foi professor de História; em 1983 foi eleito vereador e posteriormente presidente da Câmara na gestão Abdom Elias; em 1988 foi eleito prefeito de Santo Antônio do Descoberto. Faleceu em 8 de agosto de 1994.

Antônio Pereira de Souza

Era irmão de Floriano Pereira de Souza e proprietário da fazenda Antinha de Cima.

Antônio Pereira de Souza era casado com Joana Alves Ferreira, com quem teve dez filhos: Joaquim Pereira de Souza, Luís, José, Jacinta, Sebastião, Selistia, Maria, Ana, Abadia e Geraldo.



Família de Antônio Pereira

Geraldo Pereira de Souza

Casado com Leolina Lopes Conde. Tiveram 13 filhos: Antônio Maria de Souza, Faustino, Adriano, Antônio, Sebastião, Orestes, Hildo, Guiomar, Geraldo, Joana, Ana Paula, Celina e Hilda.

Severino Alves Ferreira

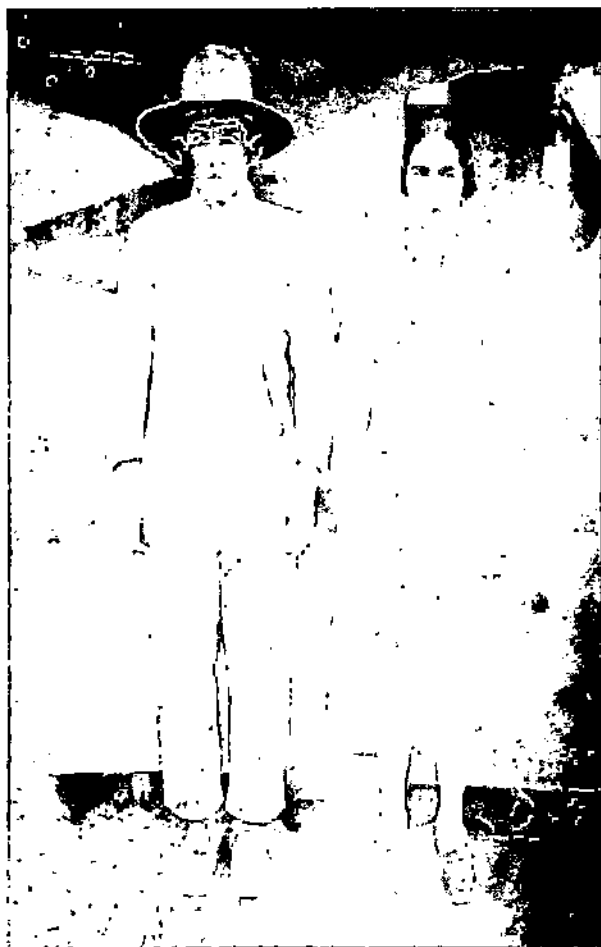
Foi proprietário da fazenda Lagoa. Era casado com Maria Pedro Moreira. Tiveram o filho Jovino Alves Ferreira.

Jovino se casou com Vicência Dias de Oliveira e tiveram três filhos: Antônio Alves Ferreira, Benedito Jovino e Santino.

Antônio Alves Ferreira se casou com Maria Lopes Conde e tiveram cinco filhos: Jorge (o relojoeiro), Ana, Talvina, Dalvina e um outro.



Jovino Alves Ferreira



Filhos de Jovino Alves Ferreira

Bento Alves Ferreira

Era proprietário da fazenda Laje (ou Jibóia). Casado com Francisca Pereira Lima, com quem teve o filho Zacarias Alves Ferreira.

Zacarias casou-se com Maria Gomes Rabelo e tiveram sete filhos: Domingos Alves Ferreira, Antônio, Jacinto, Francisca, José da Abadia, Afonso e Idelfonso.

Ferreira Afonso

Era proprietário das terras onde hoje estão os bairros Jardim de Alá e Montes Claros.

Ferreira era casado com Ana Afonso, pais de Manoel Afonso. Este se casou com Antônia Afonso, com quem teve oito filhos, que trabalhavam como oleiros (fabricantes de telhas e tijolos).

João Pedro Alves Diniz

Era casado com Maricota Alves Diniz. O casal morava na Rua dos Carreiros com quatro filhos: Dão Alves Diniz, Sebastião Alves Rodrigues, Lídia Alves Diniz e Iracy Alves Diniz.

Iracy casou com o caixeiro-viajante Domingos Ribeiro de Andrade, contemporâneo de João Elias Abdon (*João Turco*).

Domingos e Iracy tiveram dez filhos: Vilmar Ribeiro de Andrade, José (*Zeze*), Antônia, Fernandes, João, Nair, Ilda, Pedro Alberto, Maria Helena e Ivan



Família Alves Diniz: Lídia, Iracy e Dão



Família Ribeiro de Andrade: Zezé, Beto, Iracy, Maria Helena, Antônia, Fernando, Nair e João

João Turco
o primeiro comerciante



João Elias Abdon e esposa Maria Teresa de Mendonça

João Elias Abdon (*João Turco*) foi o primeiro comerciante do vilarejo de Santo Antônio do Descoberto. Era sócio de Felipe, residente em Santa Luzia (hoje Luziânia), na Casa Santo Antônio. Morreu pobre e esquecido, aos 82 anos, em 17 de fevereiro de 2000.

João Turco não resistiu à infecção generalizada, após se submeter a duas intervenções cirúrgicas, no Hospital Regional de Taguatinga (HRT), em consequência de uma queda, em sua casa, com fratura do fêmur. Deixou três filhos (Nelson, Edson e Edna), cinco netos e uma bisneta.

Seguindo a tradição, foi sepultado no cemitério de Luziânia, ao lado de sua esposa Maria Teresa de Mendonça, falecida 20 anos antes dele. Ela era filha do rico fazendeiro Modesto de Mendonça, da Fazenda Ponte Alta.

João Turco, natural de Formosa, cujos pais foram o casal de sírios Elias Abdon e Sucena Miguel Salomão, morreu pobre. Tinha apenas a casa, na quadra 9 da parte histórica de Santo Antônio do Descoberto, onde viveu os seus últimos anos em companhia da filha Edna, com uma aposentadoria de apenas um salário mínimo.



Casa comercial de João Elias

Era pouco para um homem que, junto com Felipe e depois com o irmão Abdon (que veio a ser o primeiro prefeito do município), foi proprietário da Casa Santo Antônio, fundada na década de 1930, a primeira e, por muito tempo, a única do vilarejo.

Na Casa Santo Antônio, se vendia de tudo um pouco do que as famílias da região precisavam: tecidos, armarinhos, sal, arame, querosene, fumo, solda, arreios, enxada, enxada, calçados, botões, linha, dedal, canela, cravo.

Em 1938, João Turco casou-se com Maria Teresa de Mendonça, filha de Modesto e Januária, proprietários da Fazenda Ponte Alta (onde foi construída a cidade do Gama, no Distrito Federal). Na véspera de seu casamento com a filha de Modesto, João Turco mandou chamar o irmão Abdon Elias para dar expediente no comércio, enquanto ele permanecesse em Luziânia. Abdon atendeu ao chamado, veio e gostou, trazendo depois a mulher Amélia com os seus oito filhos.

Quando os seus pais faleceram, Maria Teresa recebeu de herança parte da terra e gado. Vendeu e deu dinheiro para João Turco comprar a parte de Felipe no armazém. Mais tarde, João vendeu uma parte para o irmão Abdon Elias.

João Turco ficou pobre por um descuido ou porque não era muito afeito a dinheiro. Consta que a herança de Maria Teresa era "gorda". O dinheiro que sobrou da compra da Casa Santo Antônio, João Turco depositou no banco em Anápolis. Passaram-se muitos anos, e quando João precisou, o banco alegou que o dinheiro havia perdido o valor.

Abdon Elias



Família de Abdon Elias

Abdon Elias tinha 25 anos quando, em 1938, chegou às margens do Rio Descoberto, vindo da cidade de Luziânia, para trabalhar no armazém que o seu concunhado sírio de nome Felipe tinha em sociedade com seu irmão João Turco. Felipe residia em Luziânia e João ficava aqui, tomando conta do armazém.

João Turco, posteriormente vendeu a sua parte para Abdon, que comprou também a de Felipe, tornando-se proprietário de 100% do comércio.

Às margens do Descoberto, havia apenas a igreja de Santo Antônio e mais duas casinhas, de João Pedro Alves Diniz e Maricota e de Domingos Alves de Andrade e Maria. A igreja, contudo, data da época da mineração, no século XVIII, muito antes de Abdon chegar.

Abdon veio na frente, deixando em Luziânia a esposa Amélia com os filhos Sucena e Jorge. Nasceram depois José, Maria de Jesus, Willian, Josefina, Augusta, Helena e Floricena.

O armazém vendia de tudo um pouco do que as famílias da região precisavam: tecidos, armarinhos, sal, arame, querosene, fumo, soda, arreios, enxada, enxadão, calçados, botões, linhas, dedal, arroz, feijão, bicarbonato, salamargo, canela, cravo, Cibalena, Melhoral. Os roceiros compravam para pagar na próxima festa de Santo Antônio, primeira quinzena de junho, após a colheita.

A Casa Santo Antônio de Abdon Elias só veio a ser fechada após ele ser escolhido prefeito.

Vício

Dona Amélia conta que o jovem marido, viciado em jogo de cartas, perdeu tudo o que tinha. Quando ele veio para as margens do Rio Descoberto, para substituir no armazém o seu irmão João, que ia se casar em Luziânia, gostou do lugar e mandou por um carro de bois uma carta consultando-a se queria vir.

Ao ler a carta, a jovem esposa Amélia decidiu: “É hoje”. A mudança para o Rio Descoberto, acreditou ela, era a oportunidade imperdível para o marido abandonar o jogo. Abdon ergueu um rancho para a família, até que ganhasse dinheiro para construir a casa atual.

Aquí, Abdon Elias tornou-se outro homem. Começou a cambiar animais. Comprava e trocava gado, cavalos, porcos. Arrendou um carro de bois, com o qual transportava café e outros produtos agrícolas das fazendas da região para Formosa. Até que adquiriu o seu próprio carro de bois. Ele ia à frente e os empregados atrás. Quando o carro de bois chegava a Formosa era só descarregar junto aos fregueses já acertados por Abdon e tomar o caminho de volta.

Abdon progrediu, comprou um caminhão e espichou o seu negócio, indo a Anápolis comprar mercadorias para vender em Formosa. A vocação para os negócios foi herdada de seus pais sírios, tradicionalmente hábeis mascates.

Quando Abdon Elias aqui chegou, as terras hoje do centro da cidade já haviam sido doadas a Santo Antônio por Agostinho Lopes Conde.

Abdon Elias começou a ajudar o casal Evaristo Lopes Conde e dona Senhorinha nas tarefas da igreja. Aí eles o convidaram para ser o tesoureiro.

Dona Amélia lembra que os fiéis daquele tempo eram bastante generosos com a igreja. Ao final de cada festa de Santo Antônio, em junho, Abdon recolhia sacos de dinheiro e mandava para a diocese, em Anápolis. O santo mesmo não ficava com nada. O povo dava também vários tipos de prendas, até jóias. Dona Amélia recorda, ainda, que, depois dela e do marido, vieram outras famílias para construir casas no lugar.

O já povoado de Santo Antônio do Descoberto, município de Luziânia, permaneceu apenas como um lugar de festas do santo padroeiro e ponto de encontro de finais de semana, na Casa Santo Antônio. Traziam presentes para Abdon Elias, principalmente porcos e galinhas, que eram soltos no mato, tornando-se selvagens.

Com o início da construção de Brasília, em 1956, as terras em torno do Distrito Federal começaram a ser procuradas e valorizadas. Muito depois, a Igreja Católica resolveu transformar a terra doada por Agostinho Lopes Conde em loteamento. Laudimiro Roriz, primo do atual governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, ficou com a responsabilidade de vender os lotes, que foram marcados com fita métrica.

Dona Amélia conta que Laudimiro “passou o pesado” para Abdon Elias, que “gastou muitos pares de botinas” mostrando para os compradores os lotes no meio do mato. Abdon ganhava comissão com a venda. O dinheiro, novamente, ia para a diocese e nada ficava para o santo.

Já casado, Abdon passou a tarefa para o seu filho Jorge que, depois, a transferiu para José Ribeiro de Andrade. Atualmente, o vendedor de lotes da igreja é Irlandes Marques Guimarães.



Prefeito Abdon Elias e esposa Dona Amélia

Antônio Teixeira Rodrigues



Antônio Teixeira Rodrigues em São Paulo



Antônio Teixeira e seus filhos Flávio, Adão e Mércia (da esquerda para a direita)

Nasceu em 30 de abril de 1922, Garanhuns, Pernambuco. Em 1951 foi para São Paulo; trabalhou nas Lojas C&A. Chegou em Brasília em 9 de julho de 1960; intermediou na mudança de alguns moradores da invasão da Samambaia em 1974; foi representante voluntário não remunerado da prefeitura de Luziânia de 1974 a 1976, quando Santo Antônio do Descoberto era distrito de Luziânia.

Foi eleito vereador no período de 1º de fevereiro de 1977 a 1º de fevereiro de 1983. Em 1º de fevereiro de 1993, tomou posse como vice-prefeito na gestão de José Elias (Zé Gago). Em 2002, foi secretário municipal de Agricultura da gestão do prefeito Moacir Machado.

Antônio Teixeira Rodrigues foi casado com Ilene Alessi, com quem tem quatro filhos: Juracy, Adão, Mércia e Flávio.

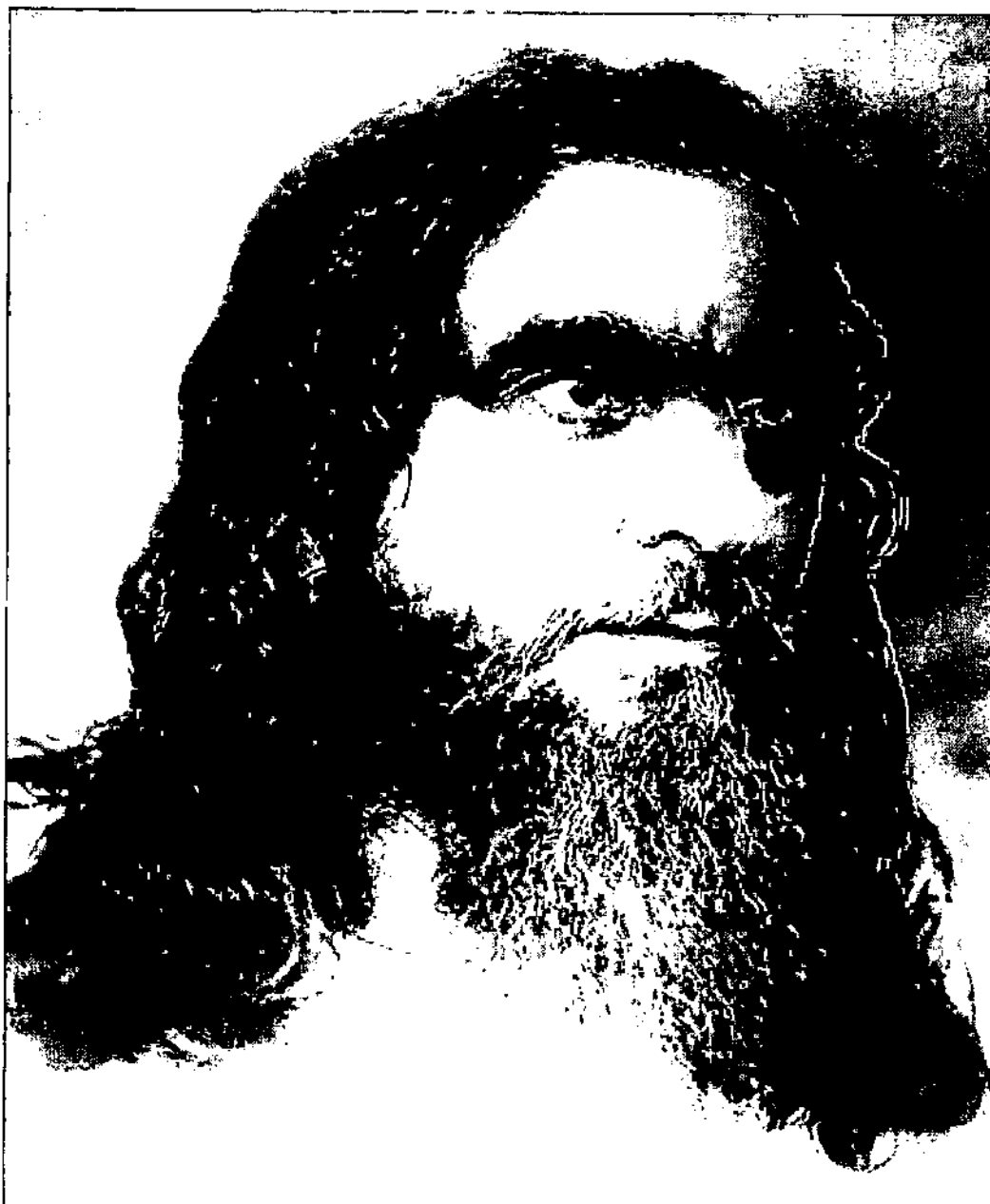
Observação: Existem ainda outras famílias tradicionais que não estão nesta relação, por faltarem informações mais precisas.

Cidade Eclética

Em 4 de novembro de 1956, às 14h30, foi instalada, dentro das terras do futuro município de Santo Antônio do Descoberto, a matriz da Fraternidade Eclética Espiritualista Universal, sob a liderança de Oceano de Sá, ou Mestre. Yokanaanam., na época com 45 anos.

A Fraternidade havia sido criada dez anos antes, no Rio de Janeiro, com o propósito de fundar uma Cidade Eclética. A construção de Brasília, numa região de cerrado e clima árido, foi a oportunidade da concretização do sonho.

Natural de Maceió, AL, o piloto de aviação civil, Oceano de Sá, faleceu aos 74 anos, em 21 de abril de 1985, no mesmo dia do falecimento do presidente Tancredo Neves. Era profeta e líder espiritual e administrativo da Cidade Eclética.



Oceano de Sá - Mestre. Yokanaanam. - em 1956

Estrutura administrativa

Oceano de Sá e seus discípulos criaram uma estrutura administrativa semelhante a uma cidade, a dez quilômetros de Santo Antônio do Descoberto.

A estrutura, com poderes Legislativo e Executivo (ou Prefeitura) e um Órgão Auxiliar Judiciário, tem poderes sobre a matriz principal em Santo Antônio do Descoberto, 17 casas no resto do país e filiais na Argentina e Paraguai.

Acima de tudo está o Conselho Espiritual Administrativo, composto de seis membros eleitos pelo Sacro Colégio.

O órgão legislativo tem o nome de Hierofância do Sacro Colégio, que dirige e supervisiona os departamentos da cidade: Secretaria-Geral Esotérica, Secretaria Especial de Assistência Social, Conselho de Monitores dos Colégios Esotéricos, Conselho de Economia e Finanças, Departamento de Imprensa, Divulgação, Educação, Rádio e Cineletrotécnica, Departamento de Assistência Social e Espiritual, Departamento de Prefeitura Social, Diretorias Espirituais das Matrizes Regionais e Filiais.

Foram criadas secretarias especiais, diretamente vinculadas à Prefeitura. São elas: de Informática; de Reserva de Material e de Diversões e Esportes.

Cada secretaria é dirigida por um secretário titular, imediatamente assessorado e substituído, em seus impedimentos eventuais, por um secretário-adjunto. A Cidade Eclética tem uma Constituição Estatutária (correspondente a uma Lei Orgânica, no caso de um município verdadeiro).

A Cidade Eclética tem hospital, jornal, ruas, praças e monumentos, bairros e avenidas, comércio próprio, cemitério, hospital, igreja e até aeroporto para pequenas aeronaves. A população gira em torno de mil habitantes, residentes no núcleo urbano e nos 400 hectares adquiridos por Yokaanam, quando aqui chegou.

Apesar da estrutura administrativa e formato urbano idênticos aos de uma verdadeira cidade, a Fraternidade é uma instituição espiritualista por excelência. A estrutura administrativa é um meio de dar vida e suporte à crença, que não é nem católica, nem evangélica, nem espírita tradicional, é um mosaico de religiões.

O lado religioso, por assim dizer, é sustentado pela Doutrina Eclética, ou a idéia de que o ecletismo é um meio de buscar o "armistício" entre as facções religiosas. Ou seja, a Fraternidade criou a sua própria doutrina. Do espiritismo kardecista, a Fraternidade adotou o mandamento da caridade, que também é católico.

Os habitantes (ou internos) da Fraternidade vivem em clima de harmonia e de renúncia aos bens materiais, que são partilhados. Em outras palavras, eles praticam a verdadeira vida comunitária.

A Fraternidade Eclética, a exemplo das religiões, mantém uma certa disciplina. Para as mulheres, exigem-se saias abaixo dos joelhos e blusas de mangas longas. Para os homens, há restrições ao uso de bermudas e camisetas. Essa disciplina vale também para os visitantes.

Transferência

A transferência do Rio de Janeiro para Santo Antônio do Descoberto, que os seus membros chamam de peregrinação e êxodo, foi precedida por missões exploratórias do Mestre. Yokanaam., acompanhado de dois "discípulos", que estiveram duas vezes na região. Na segunda, adquiriram 400 alqueires de terras.

A viagem rumo ao centro do país iniciou-se na sede provisória da Fraternidade, no Rio de Janeiro, em 31 de outubro de 1956. Eram cerca de 300 viajantes, que partiram de ônibus até a cidade de Barra Mansa, de onde embarcaram num trem especial da Rede Mineira de Viação. Entre os "peregrinos" encontravam-se crianças, gestantes e idosos.

Às 8 horas da manhã de 4 de novembro de 1956, os peregrinos desceram do trem debaixo de chuva em Anápolis e entraram em caminhões e ônibus, fretados pela escritora norte-americana Joan Lowell Bowen, uma das admiradoras do projeto de Yokaanam:..

Pegando estradas lamacentas e debaixo da chuva, sem trégua, os peregrinos chegaram ao local escolhido por Yokanaam:., onde encontraram a “Pensão do Burê”, de propriedade de José Nunes de Moura, uma espécie de loja comercial bem típica do interior do país, uma capelinha de 5x8 metros ainda por terminar.

Quando os peregrinos chegaram já encontraram barracas armadas e, às 17 horas, foi servida a primeira refeição. Os homens cuidaram logo de pôr em funcionamento um dos geradores elétricos. A partir daí, os obreiros foram instalando a infra-estrutura, inclusive uma oficina mecânica, a Igreja Cristã Eclética, o serviço de pronto socorro e outros. Foi criada uma olaria rústica e comprado um trator velho, com os implementos, que serviu para a construção da pista do aeroporto, de 600 metros, onde pousou o primeiro avião, em fevereiro de 1957.



Jipe do Mestre:.. Yokaanam:..

Entre as terras adquiridas por Yokaanam: (Fazenda Eclética) há um morro, no qual ele viu semelhança ao Monte Tabor, das passagens bíblicas, onde havia uma cruz rústica. Lá, Yokaanam: mandou construir (1957) uma capela em louvor a São Miguel Arcanjo.

A Fraternidade Eclética, além da matriz principal, em Santo Antônio do Descoberto, tem 17 casas. São as seguintes: Assunção (Paraguai), Buenos Aires (Argentina), Anápolis, Itapaci, Formosa, Governador Valadares, Paracatu, João Pessoa, Recife, Curitiba, Caxias, Petrópolis, Posse dos Carneiros e quatro casas na cidade do Rio de Janeiro.

Vocação internacional

A Fraternidade Eclética Universal, inspirada pelo chefe líder máximo Yokanaam: e seus discípulos, carrega no nome a sua vocação internacional. Assim, a instituição tem filiais em Buenos Aires (Argentina) e Assunção (Paraguai).

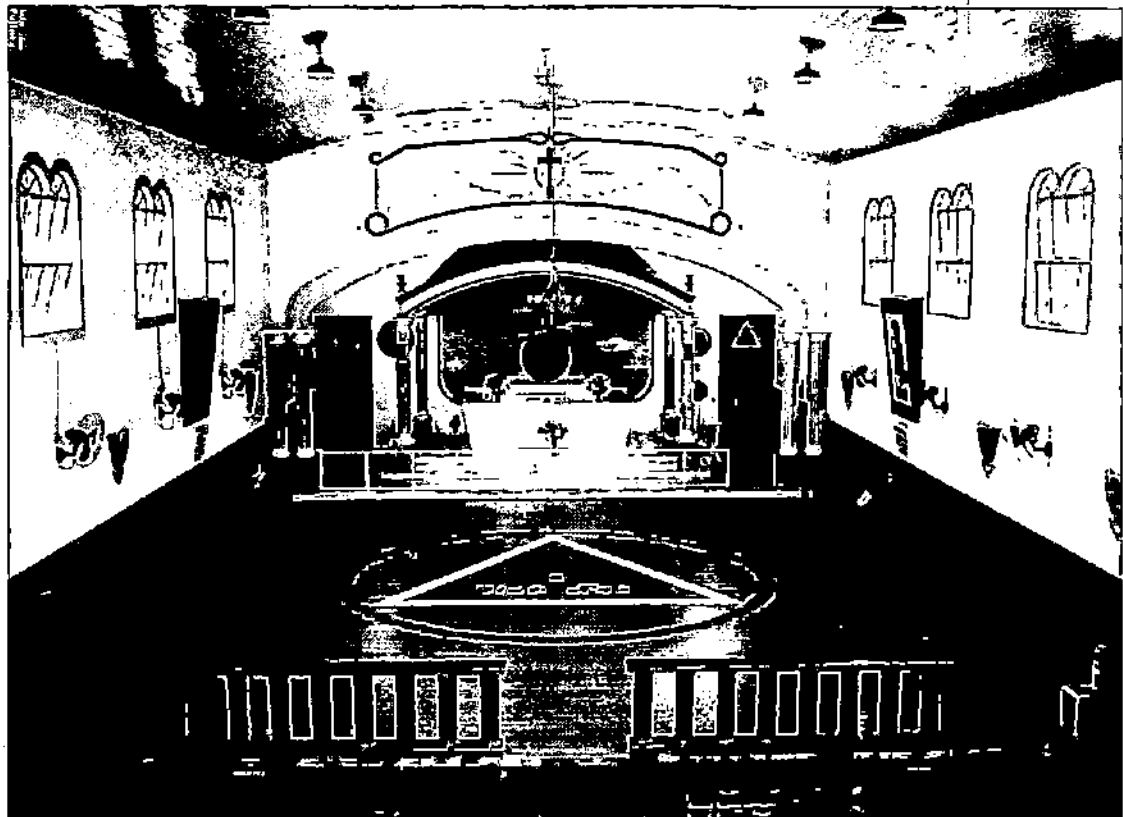
No sábado que antecede as datas nacionais daqueles dois países, a Fraternidade promove solenidades comemorativas. Em 15 de maio, Proclamação da Independência do Paraguai; 25 de maio, Dia da Pátria da Argentina. Nas cerimônias, são hasteadas as bandeiras do país, junto com a do Brasil.



Mestre: Yokaanam: - Próximo a Mãe Preta Universal, na Cidade Eclética



Vista frontal do Templo da Fraternidade: Eclética, Espiritualista, Universal.



Vista panorâmica do assoalho central e do altar - Interior do Templo

Fonte: Extrato de textos fornecidos pela editora do jornal O NOSSO, da Fraternidade Eclética Universal.

Primeiras igrejas evangélicas

A fé cristã não-católica chegou a Santo Antônio do Descoberto com o início da urbanização, no início de 1970.

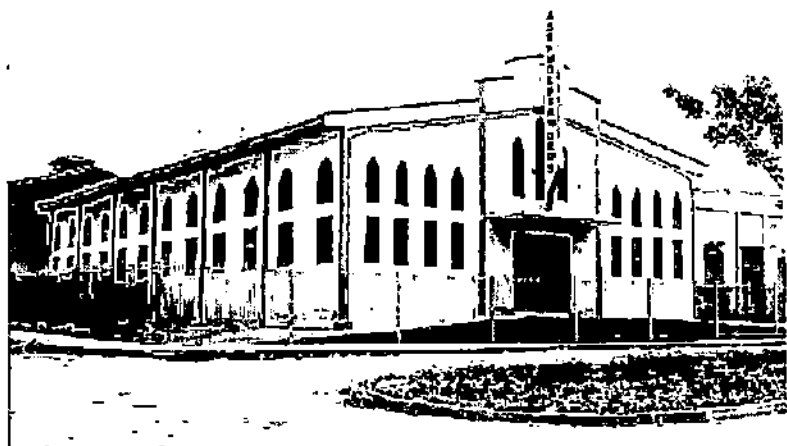
As pregações começaram nos lares, até ser construído um templo, sendo o primeiro o da Igreja Evangélica Assembléia de Deus, do pastor João Balbino Dornelas.

O templo situava-se na Rua dos Carreiros (hoje, São Judas Tadeu), do lado esquerdo de quem desce para o rio, vizinho à casa de Maria Barbosa da Silva, esposa de José Bandeira da Silva.

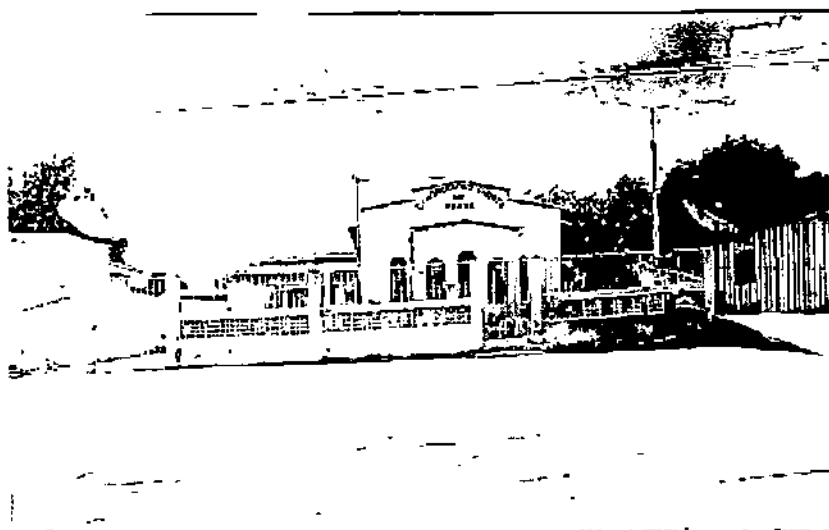
A segunda igreja evangélica foi a Congregação Cristã do Brasil, na Av. Pio XII, qd. 24, lt. 03, Centro, tendo como primeiro colaborador o sr. Ramiro Fernandes Rodrigues. A igreja veio para Santo Antônio do Descoberto em 1973, junto com os moradores da invasão de Samambaia.

A terceira igreja evangélica foi a Igreja Presbiteriana Filadélfia, na Rua dos Carreiros (hoje, São Judas Tadeu), na Quadra 11, lote. 12, Centro, organizada em 25 de maio de 1981, sendo o primeiro presbítero o reverendo Natanael Alves da Silva.

A quarta igreja evangélica foi a Igreja Batista União, organizada em 15 de novembro de 1983, sendo o primeiro pastor Antônio Gomes da Silva. Quadra 60, lote 09-10, Centro.



Assembléia de Deus - Madureira



Primeira Igreja da Congregação Cristã do Brasil

Fatos notáveis ocorridos em Santo Antônio do Descoberto

Conflito

Em meados do século XIX, ocorreu em Santo Antônio do Descoberto um conflito entre fazendeiros, garimpeiros e ciganos, por causa dos pontos estratégicos do garimpo.

Nesse conflito morreram mais de 50 pessoas, entre fazendeiros, garimpeiros e ciganos. A partir de então, o local do conflito passou a ser chamado, naquela época, "Vargem do Cigano", hoje Baixada Fluminense.

Os revoltosos

Em 12 de dezembro de 1926, proveniente do Nordeste, a Coluna Prestes passou por Santo Antônio do Descoberto. Liderados por Luís Carlos Prestes e pelo general Isidoro Dias Lopes, mais de uma centena de revoltosos arrancharam na Praça Princesa Isabel, em frente à igreja de Santo Antônio.

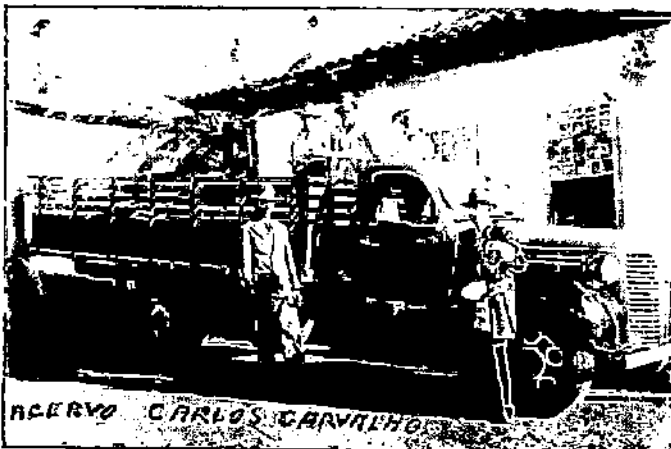
Tiveram acesso à vila por uma ponte de madeira sobre o Rio Descoberto. Pernoitaram e, no dia seguinte, seguiram viagem, saindo pela antiga Rua dos Carreiros (hoje, Av. São Judas Tadeu), subiram o morro, passaram pelas fazendas Lagoa e Boa Vista. Seguiram pela estrada de tropeiros até a fazenda Antinha de Cima.

Ao chegarem na Antinha de Cima, por motivo que a história desconhece, entraram em conflito com os moradores, que resultou em vandalismo. Os homens da Coluna Prestes atearam fogo em algumas casas, entre elas, a de Antônio Pereira de Sousa, o mais popular da época, conhecido como *Antônio da Antinha*. Logo após o conflito, se deslocaram para Mato Grosso e, posteriormente para Bolívia.

Primeira bicicleta

A primeira bicicleta a rodar em Santo Antônio do Descoberto, foi no ano de 1932. O dono da bicicleta era o lavrador Félix Alves Ferreira, sobrinho de Antônio Alves Ferreira. O segundo homem a ter uma bicicleta foi Luciano Alves Ferreira.

Primeiro caminhão



Em 1935, entrou pela primeira vez em Santo Antônio do Descoberto um caminhão. Procedente de Santa Luzia (hoje, Luziânia), o veículo pertencia à Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT).

Primeiro caminhão a rodar em Santo Antônio do Descoberto - 1937

Primeiro proprietário de caminhão

O primeiro proprietário de caminhão de Santo Antônio do Descoberto foi o caixeiro-viajante José Ribeiro de Andrade (*Zeca de Bebê*) que, em 1939, comprou um Ford, importado. Naquela época ainda não se montavam veículos no Brasil.

Tragédia na festa de setembro

Em 7 de setembro de 1953, Francisco Gabriel Rezende, o festeiro do ano, tombou morto na porta da igreja de Santo Antônio.

Francisco preparava-se para a cerimônia de levantamento do mastro, quando foi informado que o seu afilhado Antônio Vaz estava entre a multidão em torno da igreja querendo suicidar-se com uma faca. Na hora, alguém da multidão tomou-lhe a faca.

Desarmado, Antônio Vaz, louco pela embriaguez, tirou um revólver 32 da cintura de João Mendonça Rezende, irmão de seu padrinho. Francisco correu para o meio da multidão, chegando a tempo de fazer uma tentativa e agarrar o braço do afilhado suicida, que já estava com a arma engatilhada.

O tiro disparou acertando o padrinho Francisco na cabeça. Com a morte de Francisco foram paralisadas todas as festividades externas, ficando só as de cunho religioso em louvor à Nossa Senhora da Abadia, dentro da igreja de Santo Antônio. O corpo da vítima foi velado na casa que o fazendeiro e sacristão Evaristo Rodrigues Vidal tinha no povoado.

Primeiro motorista de ônibus



Argemiro Santana, primeiro motorista de ônibus

Em 1962, a empresa Viação Pioneira, dos irmãos Matznaga, iniciou o transporte coletivo de Santo Antônio a Taguatinga, sendo o primeiro motorista de Santo Antônio do Descoberto, Argemiro Bernardo Santana.

Golpe militar de 1964

Em 31 de março de 1964, os militares derrubaram o presidente civil João Goulart. No dia seguinte, aviões da Força Aérea sobrevoaram a fazenda Água Fria e a vila de Santo Antônio do Descoberto, procurando não se sabe o quê. Por terra, apareceram soldados do Exército, ordenando que os moradores não saíssem de suas casas por dois dias.

Primeiro dentista

Em 21 de setembro de 1968, o dentista José Vaz de Andrade chegou em Santo Antônio e montou o primeiro consultório dentário, ao lado do comércio “Casa Santo Antônio”.

Primeira farmácia

Nesse mesmo ano, José Vaz de Andrade, com seu sócio Lúzio Marques Guimarães, montaram a primeira farmácia em Santo Antônio do Descoberto, na Praça Princesa Isabel.

Primeiro carro de lotação

Em setembro de 1972, Messias Ferreira Lima chegou em Santo Antônio do Descoberto com uma Kombi de lotação que transportava trabalhadores de Santo Antônio para Brasília.

Primeiro contratado para abertura de ruas

Em 1974, Messias Ferreira Lima foi a primeira pessoa a ser contratada na assistência de abertura das primeiras ruas de Santo Antônio do Descoberto.

Primeiro posto de gasolina



Messias Ferreira Lima

Em janeiro de 1976, Messias Ferreira Lima inaugurou o primeiro posto de gasolina em Santo Antônio do Descoberto.

O crime do sapateiro

Em 1981, o distrito de Santo Antônio do Descoberto foi abalado por um crime violento. Na noite de 30 de agosto daquele ano, o sapateiro e policial da Aeronáutica Aguinaldo José da Silva foi morto, em circunstâncias misteriosas.

Na época, o soldado-PM Valter e o alcagüete da Polícia, Hermógenes, foram apontados pela população como possíveis autores do crime.



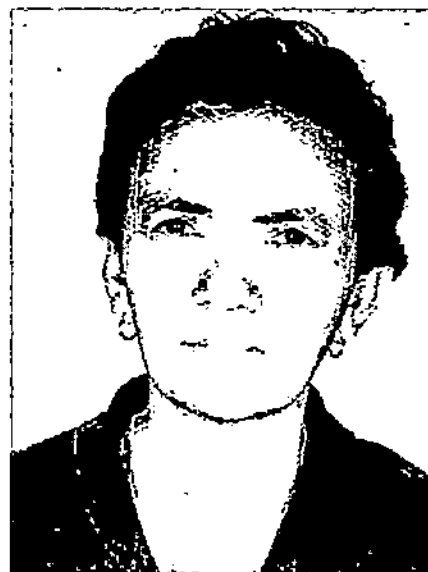
Agnaldo José da Silva

Tudo aconteceu após uma discussão por causa de mulher entre a vítima e o soldado Valter, na porta da Boate Marrom, na Av. Goiás. O bate-boca aparentemente terminou ali e cada um foi cuidar de sua vida.

Mas Aginaldo não retornou para casa e desapareceu. No quinto dia, o cadáver de Aginaldo foi encontrado dentro de uma vala, nos fundos da casa do vereador Abdon Elias. Hermógenes ficou foragido da cidade por muito tempo e soldado Valter foi transferido da cidade. O delegado na época era João Sabino. O crime teve grande repercussão no Distrito Federal, sendo explorado pelo repórter Mário Eugênio. Aginaldo era casado com Teresa e tinha filhos.

Primeira ministra da Eucaristia

Na década de 1980, Firmina Fontineli de Aquino tornou-se a primeira ministra extraordinária da Comunhão Eucarística (Igreja Católica). Atualmente, Firmina Fontineli é presidente vitalício do Apostolado da Oração.



Dona Firmina Fontineli

Pároco



Pe. Jacó Leôncio Lopes



DIOCÊSE DE LUZIÂNIA

Caixa Postal 122 - Fone: (061) 621-2022
72800 - Luziânia-GO - Brasil

Av. Claro Carneiro de Mendonça, 199 - Área. Boa Nova - Parque JK

L. Di. P. 091
12/94

DECLARAÇÃO

Por meio desta declaro, para os devidos fins e a quem interessar que, Padre JACÓ LEÔNCIO LOPES, foi nomeado por mim, no dia 28 de março do ano corrente, Pároco da Paróquia Santo Antônio do Descoberto. O mesmo tomou posse no dia 03 de abril de 1991, com todas as direções e deveres decorrentes da legislação eclesialística, bem como da respectiva legislação civil, em especial no que segue:

O Pe. JACÓ LEÔNCIO LOPES, portador da Carteira de Identidade Nº 178.207 emitida pela SSP de Goiás, enquanto Pároco da referida Paróquia, está plenamente autorizado para alugar os imóveis, assinar os respectivos contratos, receber os aluguéis, dar e receber quitações, abrir e movimentar contas em Bancos e Caixas Econômicas, em nome da citada Paróquia de Santo Antônio do Descoberto, emitir e endossar cheques para uso da Paróquia.

Luziânia, 27 de maio de 1991.



Agostinho Stefan Januszewicz
Dom Agostinho Stefan Januszewicz, OFMConv.
Bispo Diocesano de Luziânia - GO

Declaração da diocese

Em 28 de março de 1991, o padre Jacó Leôncio Lopes foi nomeado como primeiro pároco de Santo Antônio do Descoberto e empossado em 3 de abril do mesmo ano, pelo bispo diocesano de Luziânia, dom Agostinho Stefan Januszewicz, ofm conv.

Manifestação

Em 11 de novembro de 1992, terça-feira, Santo Antônio do Descoberto viveu um "badernaço".

Pelo menos 32 ônibus da empresa Brasil Sul, que fazia a interligação de Santo Antônio do Descoberto com o Distrito Federal, foram depredados ou incendiados. A sede da Prefeitura e a casa do prefeito Hélio Mangabeira foram atingidas por pedras.

Consta que, quando a multidão cercou a casa do prefeito, na Av. Pio XII, ouviram-se tiros, provavelmente disparados pelo pai do prefeito, Brasileu Mangabeira, e por um segurança da família, com o objetivo de defender o patrimônio. Duas pessoas foram atingidas sem gravidade.

O pivô de tudo foi a morte da passageira Rosilda dos Santos, 45 anos, que saltou do ônibus em movimento. É que faltaram freios. A população já estava revoltada com a Brasil Sul, pelo péssimo serviço prestado, e descontente com o prefeito Hélio Mangabeira. A morte da passageira foi o estopim que faltava.

A Brasil Sul fechou as portas, após o "badernaço", sendo sucedida pela Rápido Santo Antônio, do Grupo Amaral, do Distrito Federal.

Última viagem de uma dupla sertaneja

Em 7 de março de 1997, Marlon & Mycom bateram o carro a caminho de Santo Antônio do Descoberto. Marlon faleceu e Mycon ficou em estado grave, mas sobreviveu, ficando apenas com algumas seqüelas.

Zé Lopes

Em 2 de fevereiro de 1997, faleceu o empresário e comerciante José Lopes de Oliveira, proprietário do Mercado União. Zé Lopes era um grande colaborador do esporte e da Igreja.

Guarda mirim

Em 4 de fevereiro de 1998, foi fundada a guarda mirim Águia Dourada, pelo coronel Elias Wilian Cândido Pompeu e pelo tenente Alessandro Cardoso Pires Vieira e também por Lânio Rodrigues Costa. Na quadra 80, lote 20.

Igreja matriz

Em 13 de junho de 1998, lançamento da pedra fundamental da igreja matriz de Santo Antônio, benta por frei Sebastião Queiroz.

Transporte alternativo

Em 20 de janeiro de 1999, foi criada a Associação do Transporte Alternativo de Santo Antônio do Descoberto, ATASAD, liderada por Paulo Henrique e Deusenira. Mas só em 3 de março de 2000 começaram a rodar os primeiro quinze carros filiados.

Júri popular

Em 9 de fevereiro de 1999, o primeiro júri popular da história da comarca de Santo Antônio do Descoberto condenou uma mulher, Márcia Regina Rodrigues da Silva, 31 anos, a nove anos e nove meses de prisão.

Mutirão

Em março de 1999, a Igreja pedía ajuda aos fiéis para erguer a igreja matriz; a comissão de construção distribuiu carnês para os fiéis que quisessem contribuir voluntariamente.

Desenhista da planta da igreja: Fernando Jorge Coelho Pinheiro.

Engenheiro: Dr. Sílvio Balduino.

Presidente da Comissão: pe. Jacó Leôncio.

Tesoureiro: Expedito Brasileiro.

Relíquias de Santo Antônio



Fiéis em vigília as relíquias de Santo Antônio de Pádua

Em 15 de setembro de 1999, às 17h30, os católicos da cidade receberam e veneraram as relíquias de Santo Antônio de Pádua, ou Lisboa. As relíquias permaneceram por 14 horas na igreja matriz em construção, ainda sem a cobertura.

As relíquias são uma costela e as cordas vocais de Santo Antônio, preservadas desde o século XIII. A peregrinação partiu de Lisboa (Portugal) e percorreu o mundo, em comemoração aos 800 anos de sua morte. No Brasil, as relíquias foram levadas, principalmente, às paróquias e cidades de nome Santo Antônio.

Zé Buriti

Em 16 de janeiro de 2000, faleceu, aos 73 anos, o ex-vereador José Argemiro de Oliveira, conhecido como Zé Buriti; foi um dos nove primeiros vereadores do município de Santo Antônio do Descoberto (1983 – 1986).

Abdon Elias

Em 17 de fevereiro de 2000, faleceu o ex-prefeito Abdon Elias, 86 anos, natural de Formosa. Foi o primeiro prefeito de Santo Antônio do Descoberto, (1983-1988).

Guarda mirim II



Guarda mirim Leão Dourado

Em 12 de outubro de 2000, foi fundada a guarda mirim Leão Dourado, pelo policial militar do DF, Francisco Valter da Cunha Araújo, Marcelino Moreno e Leônidas de Oliveira.

Política

Em 15 de setembro de 2000, a justiça afasta o prefeito municipal, pe. Getúlio de Alencar, por 60 dias, liminar concedida pelo juiz Leonardo Fleuri Curado, a pedido do Ministério Público. Motivo: ameaças para impedir investigação sobre desvio de verbas. O vice-prefeito, Manoel Bem Neto (PMDB), foi empossado às 17 horas do mesmo dia.

Fundação da Paróquia São José

Em 18 de março de 2001, a comunidade do bairro Queiroz foi desmembrada da paróquia de Santo Antonio, criando assim a nova paróquia de São José, pelo bispo dom Agostinho, tendo como pároco o padre Jéferson Martins da Silva.

João Turco

Em 8 de junho de 2001, faleceu, aos 82 anos, João Elias Abdon, (*João Turco*). Foi o primeiro comerciante do vilarejo de Santo do Descoberto, ao lado do seu cunhado Filipe Turco e depois com o seu irmão Abdon Elias.

Cruz do morro



Cruz do Anhanguera, no morro Montes Claros - 1920



Réplica da Cruz de Anhanguera teve o pedestal todo queimado e foi removida



Cruz caída após ato de vandalismo

Na segunda quinzena de junho de 2001, vândalos atearam fogo ao pé da cruz de madeira que ficava no alto do morro Montes Claros (nome antigo), ou Morro da Cruz, deixando-a no chão. Foi transportada em 13 de julho do mesmo ano para o acervo do museólogo Carlos Carvalho.

Subiram ao morro, o secretário do Meio Ambiente, Flávio Sena, e o então secretário de Cultura, Joselito Gomes de Lima, e o museólogo Carlos Carvalho.

A cruz é um símbolo histórico e um marco deixado pelos bandeirantes

Satu

Em 11 de agosto de 2001, faleceu, aos 86 anos, Saturnino da Silva Moreira Braga, era descendente de escravo e nasceu na fazenda Antinha de Baixo, conhecida como Antinha dos Preto. Seu corpo está sepultado no cemitério particular na mesma fazenda.

Jovair

Em 19 de setembro de 2001, um enfarte mata o ex-vereador Jovair, (1988 – 1993).

Chico do Rádio

Em 1º de outubro de 2001, faleceu, aos 54 anos, Francisco da Silva Oliveira, o conhecido *Chico do Rádio*.

Ordenação sacerdotal

Em 8 de dezembro de 2001, o bispo diocesano frei dom Agostinho Januzwikz, auxiliado por dom José Carlos, já falecido, ordenaram o padre Uirajá Mota Diniz, 27 anos, na igreja matriz de Santo Antônio recém- construída, perante cerca de mil fieis, que lotaram a igreja.

Inauguração

Em 8 de dezembro de 2001, inauguração da igreja matriz de Santo Antônio.

Câmara Municipal



Carlos Carvalho recebe o título de Cidadão Honorífico, no dia da inauguração da sede própria da Câmara Municipal

Também em 8 dezembro de 2001, nesse mesmo dia histórico, foi inaugurada a sede do legislativo municipal.

A solenidade começou com a entrega de títulos de cidadão honorífico para nove pessoas: vereadora Terezinha Tomaz Pires, suplente do deputado federal Ney Moura; Sebastião Tejeta, presidente da Assembléia Legislativa de Goiás; deputado estadual dr. Célio da Silveira; Nilson Periquito de Lima, tabelião; Carlos Rosemberg, presidente da AGETOP; Moacir Machado, prefeito municipal; Augusta Maria de Oliveira Costa, a servidora mais antiga da Câmara, (18 anos de serviço) e Carlos Carvalho da Mata, museólogo e historiador.

Baiano fotógrafo

Em 11 de fevereiro de 2002, faleceu, aos 69 anos, José Assunção da Costa Alves, (*Baiano*). Além de fotógrafo, foi um dos fundadores do Diretório local do PMDB em 1982.

Cemitério municipal

Em 22 de fevereiro de 2002, a Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Descoberto declarou que, a partir desta data, não mais receberia os mortos provenientes do município de Águas Lindas. Explicação: lotação esgotada.

Centro de Reabilitação

Em 28 de fevereiro de 2002, foi inaugurado o Centro de Reabilitação João Natal na Vila Queiroz.

Homenagem

Em 21 de maio de 2002, o prefeito municipal Moacir Machado recebeu o diploma da União dos Vereadores do Brasil (UVB), como um dos melhores do estado de Goiás e entre os 22 melhores do Brasil. A solenidade de entrega do certificado foi no Hotel Fenícia em Brasília, DF.

Avião seqüestrado

Em 4 de junho de 2002, depois de sobrevoar a cidade de Santo Antônio por quinze minutos, um avião bimotor, conduzido por seqüestradores procedentes de Mato Grosso, fez um pouso forçado nos fundos da sede da fazenda Lagoa, da proprietária Minervina Zeferina Lopes, a 8 quilômetros do centro da cidade. O município ficou às escuras das 19 às 23 horas.

Banda de música



Primeira Banda a tocar em Santo Antônio do Descoberto

Primeiro decidão ecológico

Em 8 de setembro de 2002, foi realizado o primeiro decidão ecológico no leito do Rio Descoberto. Foi uma aventura e conscientização dos jovens da Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, todos eles moradores de Santo Antônio do Descoberto. Desceram 30 quilômetros rio abaixo, catando lixo e fazendo relatório.

Idealizador: sargento Valmir, do Corpo de Bombeiros do DF.

Primeira festa de Halloween

Em 1º de novembro de 2002, foi realizada a primeira festa de Hallo Ween, pelo Colégio Estadual de Santo Antônio.

Principais eventos esportivos e culturais

Futebol



Primeiro time de futebol

No início da década de 1970, criou-se o primeiro time de futebol, Independente Esporte Clube, sendo fundador Nilzon Perequito de Lima.

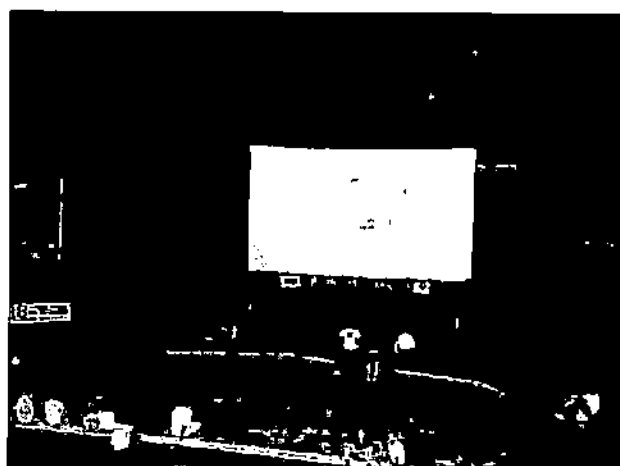
Cinema



Carlos Carvalho - Fundador do 1º Cinema

Baiano de Xique-Xique, nasceu em 28 de fevereiro de 1952. Chegou em Santo Antônio em 1970. Foi comerciante, coroinha na Igreja Católica em 1971. Foi proprietário do primeiro cinema.

Há 30 anos vem pesquisando a história de Santo Antônio do Descoberto. Idealizador do Museu Municipal. Atualmente, trabalha no Departamento de Cultura do município.



Primeiro Cinema - Salão de Projeção



Sala de Projeção - público

Em julho de 1977, foi inaugurado o primeiro cinema de Santo Antônio do Descoberto, na quadra 52, lote 16, na altura da Avenida Rio Grande do Norte, próximo à Praça da Bíblia.

Fundador: Carlos Carvalho da Mata, auxiliado pelas irmãs religiosas do Amor Divino, Rosalídia e Juracy.

Primeiros filmes: Os Cangaceiros, com Lampião e Maria Bonita e os curtas-metragens: Black, o Desligado e Nenen Novo. Longa-metragem: O Pagador de Promessa, King Kong, Sagarano Duelo e outros.

Observação: Antes, o cinema funcionou em caráter experimental, na então Igreja Nossa Senhora da Abadia, ainda em construção.

Segunda sala de cinema

A segunda sala de cinema pertenceu ao sr. João Gonçalves, e se chamava Cine Santo Antônio.

Teatro

Em 4 de junho de 1976, foi apresentada a primeira peça teatral em Santo Antônio do Descoberto.

Local: Igrejinha de Santo Antônio. Teve como organizadores: a senhora Dirce, ir. Rosalídia, ir. Juracy e Carlos Carvalho.

Peça: Joana em Flor, de Ariano Suassuna.

Capoeira

O primeiro grupo de capoeira reconhecido em Santo Antônio do Descoberto foi o grupo de Mestre Rodrigo, em 1º de maio de 1980.



Grupo de Capoeira do Mestre Rodrigo

Caratê



Academia de caratê Okinawa, de Rogério San

Em 6 de janeiro de 1981, foi aberta a primeira Academia de Caratê, pelo professor Valdeci Rogério do Nascimento (*Rogério San*), da Academia Okinawa.

Via-sacra ao vivo



Via-sacra – cena da crucifixaão

A primeira apresentação da via-sacra ao vivo foi na Sexta-feira da Paixão do ano 1985. Romualdo fez o papel de Cristo.

Primeiro Concurso de Miss Santo Antônio do Descoberto - 1989



Primeira Miss Sandra Furtado de Araújo (ao centro)

Primeiro Festival de Música

Em 1990, aconteceu o primeiro Festival de Música em Santo Antônio do Descoberto.

Primeira Festa do Peão



Peões: Paulo, Expedito Brasileiro, Cândido e Pedro

A primeira Festa do Peão em Santo Antônio do Descoberto foi na Praça da Matriz, de 22 a 25 de maio de 1997.

Banda Municipal



Foto: Expedito Brasileiro

Banda de Música municipal, 1ª fila: maestro Ângelo Silvério, mestre Chiquinho, Antônio da Flauta, Denis, Elizângela, Flávia, Emerson, Adelson, Sansão, Antônio, Carlos Carvalho; 2ª fila: Ligeirinho, Ramiro, Dudu, Neto, Severino, Leo e Alexandre

Em 3 de agosto de 2002, foi apresentado pela primeira vez, a Banda Municipal de Santo Antônio do Descoberto, com músicos remanescentes da bandinha do Serviço Social.

Primeiro Fórum de Cultura

Em 15 de novembro de 2002, foi realizado o primeiro Fórum de Cultura em Santo Antônio do Descoberto.

Futebol dos piranhas



Jogo dos piranhas

Anualmente, nas terças-feiras de carnaval, acontece em Santo Antônio do Descoberto o jogo tradicional de homens travestidos de mulher.

Academia de judô

A primeira Acadêmia de Judô foi fundada em 1987 pelo professor Amadeu da Silva.



Primeira academia de Judô

Futebol feminino

	Liga de Futebol Parque Estrela Dalva XII L. F. P. E. D. XII
DIRETOR	
Nome	Raimunda Francisca Xavier Silva
Função	Diretora do
Depart.	de Futebol Feminino
	<i>Raimunda Francisca Xavier</i>
	Ass. Portador
	

Fundadora do primeiro time de futebol feminino

BIBLIOGRAFIA

Livros pesquisados

- Enciclopédia Barsa.
- História de Santa Luzia: (Joseph de Melo Álvares – 1912).
- História do Planalto – Coletânea (Academia de Letras do Planalto Central – 1996).
- Livro de Tombo (Arquivo Geral da Diocese Goiás Velho – 1756).

Órgãos consultados

- Assembléia Legislativa do Estado de Goiás.
- Cúria Diocesana de Goiás Velho.
- Casa da Cultura de Luziânia.
- Cartório de Registro de Imóveis e Tabelionato 1º de Notas – Luziânia.
- Cartório de Registro de Imóveis – Santo Antônio do Descoberto.
- Prefeitura Municipal de Santo Antônio do Descoberto.
- Câmara Municipal de Santo Antônio do Descoberto.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Famílias consultadas

- Rodrigues Vidal - Antônio Gomes da Conceição (Tõe Nenen)
- Lopes Conde - Antônio Lopes Conde
- Pereira Braga - Esperidião
- Alves Rabelo - Dercilio
- Mangabeira - Jovelina Lopes Mangabeira
- Pereira de Souza - Geraldo Pereira de Souza
- Alves Ferreira - Antônio Alves Ferreira e seu filho Jorge (o relojoeiro)
- Ferreira Afonso - Maria Afonso
- Alves Diniz - Dão Alves Diniz
- Abdon Elias - Amélia e Florecina
- Gomes Abadia - Tibúrcio
- Ferreira Lima - Messias
- Rezende - Antônio Gabriel
- Bandeira - Marilene Bandeira
- Teotônio Urany - José Urany
- Ribeiro Andrade - Dona Iracy
- Fontenele - Dona Firmina
- Antônio Teixeira
- Osvaldo Mendes

A História é construção humana e sendo a família a célula mater de uma sociedade cabe-nos aqui agradecer e reverenciar a participação destes ceios familiares na odisséia deste Município, e que com seus registros e legados sejam sempre fecundadas nesta construção..

LEI Nº 13.907 DE 21 DE SETEMBRO DE 2001

Oficializa e eterna obrigatório em todo o Estado, o canto do "Hino de Goiás"

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art 1º. Fica adotado, como oficial do Estado, o Hino de Goiás, que integra o texto desta lei, com letra de José Mendonça Teles e música de Joaquim Jayme.

Art 2º. É obrigatório, em todo o Estado, nos estabelecimentos de ensino de 1º e 2º graus, nas entidades de fins educacionais e às associações desportivas o canto do hino de que trata o artigo anterior.

Art 3º. Esta lei entra em vigor na data de sua publicação, revogados os arts. 1º e 2º da Lei nº 650, de 30 julho de 1919.

PALÁCIO DO GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS, em Goiânia, 12 de setembro de 2001, 113º da República.

MARCONI FERREIRA PERILLO JÚNIOR
Jônathas Silva

HINO DE GOIÁS

HINO DE GOIÁS

Letra: José Mendonça Teles
Música: Joaquim Jayme

Santuário da Serra Dourada,
natureza dormindo no cio,
Anhangüera, malícia e magia,
bota fogo nas águas do rio.

O cerrado, os campos e matas,
a indústria, gado, cereais.
Nossos jovens tecendo o futuro,
poesia maior de Goiás!

Vermelho, de ouro assustado,
foge o índio na sua canoa.
Anhangüera bateia o tempo:
- Levanta, arraial Vila Boa!

Terra querida,
fruto da vida,
recanto da Paz.
Cantemos aos céus,
regência de Deus,
louvor, louvor a Goiás!

Bis

Terra querida,
fruto da vida,
recanto da Paz.
Cantemos aos céus,
regência de Deus,
louvor, louvor a Goiás!

Bis

A colheita nas mãos operárias,
benze a terra, minérios e mais:
- O Araguaia dentro dos olhos,
eu me perco de amor por Goiás!

A cortina se abre nos olhos,
outro tempo agora nos traz.
É Goiânia, sonho e esperança,
é Brasília pulsando em Goiás!

Terra querida,
fruto da vida,
recanto da Paz.
Cantemos aos céus,
regência de Deus,
louvor, louvor a Goiás!

Bis

Hino do município de Santo Antônio do Descoberto

Lei municipal nº 496 de 05 de abril de 2002

I

Vejo às margens do Rio Descoberto
O sonho de Anhanguera -O Bandeirante
De encontrar por estas terras
Esmeraldas, ouro e diamantes.

II

Epopéia de um pedaço de Goiás
Na mistura dos nossos migrantes
Da memória de um povo é que se faz
A história dos nossos habitantes.

Estribilho

Santo Antônio do Descoberto
Que em Goiás entre as cidades tantas
És livre, acolhedora, esplendorosa
Tua riqueza e tua gente a nós, encantas!

III

Os teus vales, campos e montanhas
Revelam uma paisagem divina!
Abençoada és no nome
Cidade como tu não existe igual

IV

Amamos-te ó linda cidade
És orgulho para os filhos teus
Para nós não tens idade
És menina dos olhos meus!

Estribilho

.....

V

No coração do meu país
Tu cresces como um gigante
Teus filhos numa só voz
Vão bradando: Avante ! Avante !

VI

Santo Antônio do Descoberto
Tens um céu de alegria e paz
O teu povo está completo
Por que és uma estrela de Goiás

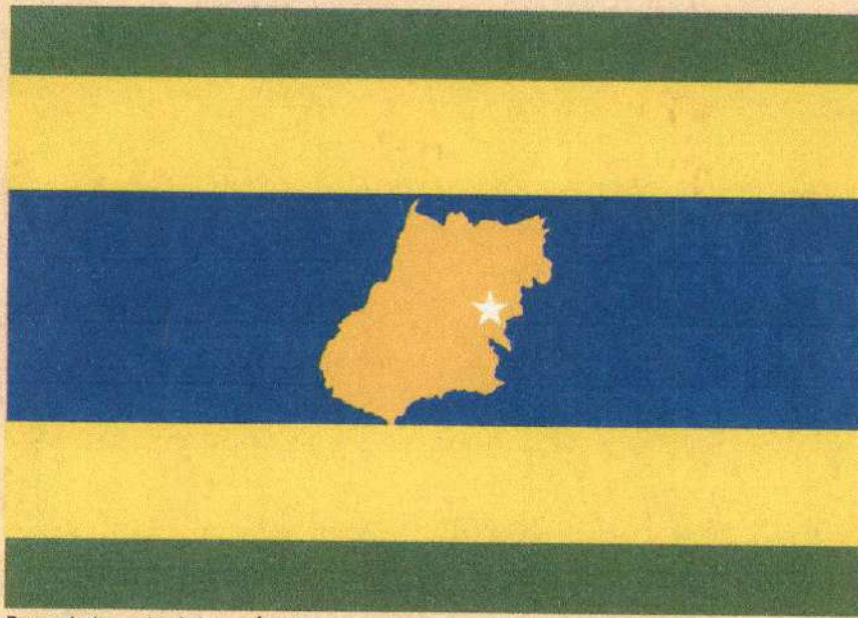
Estribilho

.....

Letra de Joana D'Arc Ferreira

SANTO ANTÔNIO DO DESCOBERTO

Secretaria Municipal de Educação e Cultura
Departamento de Cultura



Bandeira do Município

Patrocínio:



Centro Oeste

Fundação Biblioteca Nacional

ISBN 85-86662-40-2



9 788586 662409



Editora Ser